



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE DESIGN-MODA**

WAGNER RODRIGUES CORREIA FILHO

**JARDIM DA NOITE: O PAPEL DA MODA NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE
PROSTITUTAS TRANSGÊNERO DO CENTRO DE FORTALEZA**

FORTALEZA

2018

WAGNER RODRIGUES CORREIA FILHO

**JARDIM DA NOITE: O PAPEL DA MODA NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE
PROSTITUTAS TRANSGÊNERO DO CENTRO DE FORTALEZA**

Monografia apresentada ao Curso de Design-Moda, do Instituto de Cultura e Arte (ICA) da Universidade Federal do Ceará (UFC), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Design-Moda.

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(s) autor(a)

C849j Correia Filho, Wagner Rodrigues.
Jardim da Noite : o papel da moda na construção de identidade de prostitutas transgênero do Centro de Fortaleza / Wagner Rodrigues Correia Filho. – 2018.
76 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2018.
Orientação: Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes.

1. Gênero. 2. Transgênero. 3. Prostituição. 4. Moda. 5. Identidade. I. Título.

CDD 391

WAGNER RODRIGUES CORREIA FILHO

**JARDIM DA NOITE: O PAPEL DA MODA NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE
PROSTITUTAS TRANSGÊNERO DO CENTRO DE FORTALEZA**

Monografia apresentada ao Curso de Design-
Moda, do Instituto de Cultura e Arte (ICA) da
Universidade Federal do Ceará (UFC), como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Design-Moda.

Aprovada: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Araguacy Paixão Almeida Filgueiras
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Júlio César Silva de Castro
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos meus pais, Jô Soares e Wagner Correia.

Ao meu melhor amigo e amor, tudo num só,

Osmar M. Neto.

AGRADECIMENTOS

Tenho muito a agradecer a todos que fizeram parte dessa jornada que foi a minha vida até então e também aqueles que desempenharam um papel especial no desenvolvimento deste trabalho.

À minha mãe Jô Soares, por sempre acreditar no meu potencial e me apoiar nas decisões mais difíceis da minha vida. Pelo amor incondicional, pelo amparo emocional e pelo melhor abraço desse mundo. Você é minha maior inspiração.

Ao meu pai Wagner Correia, de quem recebi o nome, por me ajudar mesmo nas pequenas coisas, por me ensinar a lidar com aqueles que pensam diferente de mim e por me ajudar a encontrar a minha voz.

Ao meu melhor amigo e amor Osmar M. Neto, por me fazer ver a vida de formas que eu não esperava e entender que as maiores maravilhas do mundo, podem vir em pequenos frascos como você. Como diriam Elphaba e Glinda: *“because I knew you, I have been changed for good”*.

Às minhas amigas Laís Martins, Larissa Ibiapina, Laila Botelho, Caroline Borges, Fufy Campos, Karina Gatti, Eduardo Gadelha, Ticiane Martins, Luana Oliveira, Larissa Tavares, Pedro Henrique Fernandes e Leonardo Freitas, por serem completamente incríveis e caberem no meu coração, mas não em poucas linhas.

Às minhas amigas da faculdade Marília Barreto, Gêrda Livia, Sam Pinto, Tainara Araripe, Mariana Bruno, Cibelly Chaves, Pedro de Alencar e Thaís Freire, por ficarem comigo durante as piadas e as reclamações.

Ao PET Moda UFC, por todos os aprendizados, experiências e possibilidades, além proporcionar as amigadas e ótimas companhias de Beatriz Amorim — que muito me ajudou com sua visão sobre o trabalho —, Belchior Araújo, Juliana Marques e Rebeca Bento.

A todos os meus familiares, os de sangue e os de coração, por acompanharem meu desenvolvimento pessoal, me acolherem e me orgulharem.

Aos professores do curso de Design-Moda, pelos ensinamentos que irão me guiar pelo resto da minha vida. Em especial aqueles que fizeram parte da banca examinadora, Araguacy Filgueiras e Júlio César de Castro, colaborando com outras visões do projeto.

Às entrevistadas, por terem me cedido o tempo e o espaço necessário para realização dessa pesquisa, confiando em mim, as suas palavras.

Às minhas séries, livros, músicas, artistas, mangás, jogos, peças de teatro e musicais, por me permitirem imergir em tantos mundos mágicos.

A Lula da Silva e Dilma Rousseff, por proporcionarem que uma bixa preta da favela, filho de empregada doméstica e trabalhador assalariado tivesse espaço na Universidade e onde mais ele quiser.

A todas as Dandaras, todas as manas que põem a cara no sol, todas as bixas pretas afeminadas, todas as gays, as bi, as travas e as sapatões organizadas para fazer revolução. O mundo é nosso!

Por fim, àquela que tornou este trabalho possível, minha orientadora e tutora Francisca Mendes — querida Fran —, por me acalmar durante todo o processo, sempre com carinho e paciência, acreditando no meu potencial e neste projeto mesmo quando eu duvidei. Como sempre, você tinha razão: deu certo.

“Bato palmas para as travestis que lutam para existir e a cada dia conquistar o seu direito de viver e brilhar

Batam palmas para as travestis que lutam para existir e a cada dia (batalhando) conquistar o seu direito de

Viver e brilhar e arrasar

Viver e brilhar e arrasar

Viver e brilhar e arrasar

Viver e brilhar e arrasar”

(Linn da Quebrada)

RESUMO

O presente trabalho procura analisar a moda enquanto elemento de construção de identidade de mulheres transgênero que exercem a prostituição como ofício no Centro da cidade de Fortaleza, compreendendo o significado e as escolhas do vestuário para essas mulheres em meio a esse contexto social marginalizado. Partindo do objetivo geral, que é entender como essas prostitutas se apropriam da moda para o processo de construção da identidade, o estudo teve como metodologia inicialmente a pesquisa bibliográfica, para a construção do embasamento teórico do trabalho. Posteriormente foi feita a pesquisa de campo, que se deu através da observação do autor e da realização de entrevistas semiestruturadas com seis prostitutas transgênero da Rua Clarindo de Queiroz, em Fortaleza. A partir das entrevistas, observamos que a moda — através da utilização das roupas ditas como femininas e da adoção de cabelos longos —, foi um dos principais meios que contribuiu para o processo de formação identitária dessas mulheres transgênero, as quais constantemente enaltecem no vestuário a importância da sensualidade e/ou vulgaridade como uma forma de tornar sua “vitrine” de trabalho mais atrativa, bem como, de expressar seu estilo pessoal. Foi verificado também que, em se tratando do conceito de feminilidade, as informantes atribuíram signos específicos ao que significa ser feminina, abrangendo desde os aspectos mais subjetivos (como os gestos/atitudes) até a aparência física (dando um grande destaque para os cabelos). Quanto ao que diz respeito ao que as informantes interpretam como “roupa de mulher”, por vezes são descritas peças-chave específicas (vestido e saias, por exemplo) que correspondem às expectativas sociais de como uma mulher deve se vestir.

Palavras-chave: Gênero. Transgênero. Prostituição. Moda. Identidade.

ABSTRACT

This essay analyses fashion as an element identity construction of transgender women who work as prostitutes in downtown Fortaleza, comprehending the significance of clothing choices of these women in this social marginalized context. The objective focused was to understand how these prostitutes use fashion to their identity construction process. As far as methodology, the bibliographical research for the substantiation of its theoretical bases. Next, was made the field research by ethnographic research and semi-structured interviews with six transgender prostitutes in Clarindo de Queiroz Street in downtown Fortaleza. From the interviews, it was possible to conclude that fashion, through the clothes said as feminine and the use of long hair, was one of the mainly ways that contributed for the identity development process of these transgender women, that constantly praise on clothing the importance of sensuality and/or vulgarity as a way of making their work “showcase” more attractive, as well as to show their personal styles. It was also possible to ascertain about the concepts of femininity, the informers attributed specific signs of what means to be feminine, covering from the most subjective factors (such as gestures and attitudes, for example) to physical appearance (focusing specially on long hairs, in their words, the “*cabelão*”). As for what the informers interpreted as “female clothing”, from time to time they are expressed with specific keywords (dress and skirt, for example) that match with social expectations as how women should dress in our social context.

Keywords: Gender. Transgender. Prostitution. Fashion. Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Coisas de menina <i>versus</i> coisas de menino	26
Figura 2 –	Símbolo da transgeneridade	29
Figura 3 –	Infográfico de conceitos de gênero e sexualidade	32
Figura 4 –	Primeira e segunda onda do feminismo (da esquerda para a direita)	35
Figura 5 –	Terceira onda do feminismo	35
Figura 6 –	Manifestante sendo arrastada na Rebelião de <i>Stonewall</i> (1969)	36
Figura 7 –	Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera (da esquerda para a direita)	37
Figura 8 –	Mapa da área física de abrangência do trabalho	47
Figura 9 –	A roupa “vulgar” de Beatriz	56
Figura 10 –	A roupa “brega” de Lucikelly	57
Figura 11 –	As pernas e bumbum de Jamile (à esquerda)	59
Figura 12 –	O “cabelão” de Prycilla	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
UFC	Universidade Federal do Ceará
ICA	Instituto de Cultura e Arte
Trans	Transgênero e/ou Transexual
LGBTQ	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e <i>Queer</i>
RadFem	<i>Radical Feminist</i>
TERF	<i>Trans-Exclusionary Radical Feminist</i>
SWERF	<i>Sex Worker Exclusionary Radical Feminist</i>
CID	Classificação Internacional das Doenças
OMS	Organização Mundial da Saúde

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	METODOLOGIA	17
2.1	Tipo de Pesquisa	17
2.2	Área de Abrangência	19
2.3	Plano de Coleta de Dados	20
2.4	Tratamento de Dados	21
2.5	Categorias Analíticas	21
3	IDENTIFICANDO O GÊNERO	23
3.1	Ser Mulher, Ser Homem	23
3.2	A idealização do corpo feminino	27
4	GÊNERO E SUAS TRANSGRESSÕES	29
4.1	T: Transexualidade e Travestilidade	30
4.2	Feminização: o tornar-se Mulher	32
4.3	As narrativas do transfeminismo	34
4.4	Patologização da transexualidade	38
4.5	A marginalização dos “desviantes”	40
5	PROSTITUIÇÃO COMO PROFISSÃO	41
5.1	Entre o cine pornô e a rua	43
6	A EXPRESSÃO DE IDENTIDADE A PARTIR DO VESTUÁRIO DA MULHER TRANSGÊNERO PROSTITUTA EM FORTALEZA	47
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
	REFERÊNCIAS	66

1. INTRODUÇÃO

Os significados de gênero podem ser explicados de forma simplista como uma dicotomia determinista, na qual o gênero pressuposto é esculpido em corpos a partir das suas diferenças anatômicas, e então, tais corpos se tornam moldes inertes da cultura vigente (BUTLER, 2003).

Representações de gênero do ser homem e ser mulher variam de cultura para cultura e são expressas socialmente a partir de uma construção cultural e histórica. Tais representações guardam dentro de si signos de masculinidade e feminilidade. As relações de gênero são correspondências sociais entre os sexos, das quais partem as diferentes identidades e papéis sexuais (MOTA, 1995).

Nos escritos de Pollak (1992), a identidade é descrita como a imagem que uma pessoa auferi ao longo de sua existência, uma imagem construída por suas vivências e apresentada a si própria e aos demais. A imagem assumida é representativa da maneira como o indivíduo deseja ser percebido por ele mesmo e pelos outros indivíduos do seu convívio.

A identidade de gênero, na visão de Stoller (1994, p. 67), se apresenta como um aglomerado de concepções a respeito do que se considera socialmente a respeito do ser masculino ou feminino. Este conjunto é formado de berço e parte das primeiras percepções do bebê. A partir do assinalamento do sexo do bebê por meio de sua genitália, espera-se que tenha comportamentos socialmente adequados a ele. Para o autor, uma criança forma sua identidade de gênero — rudimentarmente, como menino ou menina — até os três anos de idade, e julga ser mais fácil mudar o sexo biológico do que o gênero de um humano. Mesmo que o órgão genital seja determinante de sexo no momento do nascimento, ele não é o fator dominante na construção da sexualidade humana e é menos importante ainda no contexto psicológico da formação da identidade de gênero.

Costa (2011, p. 8) diferencia sexo de sexualidade quando explica o sexo como “o conjunto de características anatômicas e fisiológicas”, distinguindo este conceito quando define a sexualidade como algo mais amplo, sendo um processo que acompanha toda a vida, indo do nascimento ao falecimento, transpassando “nosso corpo, nossos costumes, nossas relações afetivas e nossa cultura”.

Se o ato do sexo e a liberdade sexual¹ ainda constituem tabus, a prostituição até então é tida como uma transgressão da moral e dos bons costumes, mesmo que no

¹ Dias (2002), trata a sexualidade como algo indispensável à condição humana e que um ser humano apenas se dá como realizado quando tem o livre exercício e direito de escolha sobre a sua sexualidade, ou seja, a plena

conhecimento popular seja uma das atividades profissionais mais antigas. Quando analisamos mais a fundo a prostituição, somos capazes de perceber suas diferenças. Mesmo que tenham a mesma finalidade ou percepção dentro da sociedade, a prostituição de rua não é a mesma prostituição de luxo, por exemplo, e nenhuma das duas é a prostituição por meios virtuais. Estas são diferenças abordadas por Moreira (2009).

A prostituição se diferencia pelos diferentes locais onde ela ocorre, podendo ser na rua, no bordel, no bar, na estrada, na internet, entre outros, mas também se diferencia pelo tipo de prostituição que está sendo desejada. Os clientes da prostituta mulher cisgênero² se diferenciam completamente dos clientes da mulher transgênero³, que se diferenciam completamente dos clientes de prostituição masculina e assim por diante. Desta forma, as construções do gênero e da identidade influenciam diretamente na percepção e no ofício da prostituição.

Nas roupas modernas, tem-se a sexualidade como gerador de expressão. Criou-se um jogo criativo e caprichoso, no qual a moda retrata os traços de classe social, distinção de funções e dos modos sexuais. O vestuário passou a expor as diferenciações entre os corpos masculinos e femininos, tornando-se uma forma de chamar atenção para as características sexuais do usuário, sendo simples a diferenciação entre masculino e feminino, fortalecendo ainda as fantasias sexuais (HOLLANDER, 1996).

Segundo a autora supracitada, as vestes começaram a operar simbolicamente por intermédio de formas, adereços e ornamentos variáveis, garantindo dinamicidade aos contornos dos corpos. Desde tal momento, a moda pega as formas naturais e as modifica com a adição de elementos, podendo ser roupas, acessórios, maquiagem ou qualquer outro que se sobreponha à nudez. A moda trata de fazer um jogo léxico com “seios, peito, costas, barriga e ombros” e é parte da fantasia visual.

A partir disso, o objeto de estudo tomado aqui é a análise da moda como forma de construção de identidade de mulheres transgênero que exercem a prostituição como forma de sustento, no Centro da cidade de Fortaleza, foco de diversos pontos de prostituição de rua. Além disso, o bairro é espaço para certos ambientes que também funcionam como pontos de encontros sexuais, como saunas, motéis e cines pornô, que Vale (2012) descreve como lar de

liberdade sexual.

² Como defende Lanz (2014), um indivíduo cisgênero é aquele que sua identidade de gênero está a par com o gênero que lhe foi dado ao nascer. Sendo assim, sua conduta social está dentro do que é esperado pela sociedade de pessoas do seu sexo biológico.

³ Ainda de acordo com Lanz (2014), infere-se que o indivíduo transgênero é o contraponto do indivíduo cisgênero, não se enquadrando dentro do gênero que lhe foi atribuído ao nascer, podendo se encaixar na binaridade de gênero da sociedade, na qual só existe homem e mulher ou não se encaixando dentro desses parâmetros.

“sexualidades periféricas”, enquanto espaço sociocultural em determinado momento da história, tendo lugares como estes se tornado “reduo de homossexuais, travestis, prostitutas, garotos de programa e casais”.

Após realizar pesquisas bibliográficas foi possível perceber que temas como gênero, transgeneridade, prostituição, marginalização e moda já foram amplamente abordados e estudados por autores, como Rago (1985), Butler (2003), Vale (2005), Franco (2006), entre outros.

Butler (2003) argumenta o gênero e as identidades como performativas e formadas a partir de repetições de costumes e padrões sociais. Sobre identidade de gênero, Vale (2005, p. 185) diz que a experiência como pessoa transgênero viabiliza uma formulação abrupta da diferenciação entre sexo e gênero. Para o autor, “Ser de um dado sexo não implica em tornar-se de um dado gênero. Se o gênero é algo que a pessoa se torna, mas nunca pode ser [...]”.

Rago (1985) nos traz a figura da prostituta e todo o imaginário sobre ela como motivação para a criação de um tipo de mulher estimada, sendo ela uma figura maternal, boa esposa e do lar. Além de denotar a marginalização suscitada pela não inserção da mulher prostituta no tipo ideal de mulher. Franco (2011) traduz a roupa como “um importante marcador de diferenças de gêneros em nossa sociedade” e escreve que travestis e transexuais modificam seus corpos [e se utilizam do vestuário] para adequarem seus gêneros aos padrões estéticos determinados pela sociedade e pela moda.

Contudo, ainda pode-se perceber o lapso tratando como a transgeneridade se relaciona com a atividade da prostituição e, especialmente, percebendo como a moda associa-se a esses corpos e identidades. Devido a esta lacuna, o presente estudo se mostra como uma análise do aparecimento da indumentária dentro da categoria da atividade meretrícia, praticada por mulheres transgênero.

Desta forma, o estudo presente entende, capta e sana os questionamentos seguintes: de qual maneira os tipos de prostituição se diferenciam? Como a vestimenta é utilizada por mulheres transgênero para o desenvolvimento das suas identidades? De que forma se consolidou o ofício da prostituição na vida das garotas de programa? Quais os signos e símbolos que definem a feminilidade para este grupo de mulheres? Quais as consequências da transgeneridade na vida desses indivíduos?

A partir de tais questionamentos, tem-se como objetivo geral, compreender como prostitutas transgênero do Centro de Fortaleza se apropriam da moda para construir a sua identidade.

A fim de encontrar o objeto de estudo, foi escolhida a Rua Clarindo de Queiroz, no bairro Centro de Fortaleza como campo. A escolha se deu pela observação prévia do autor que por ter residido próximo à rua citada, já tinha ciência de que se tratava de um ponto de prostituição de garotas de programa transgênero.

Como objetivos específicos, busca-se entender como essas mulheres apropriam-se de signos de moda para suas formações de identidade, interpretando a presença do vestuário no seu contexto social como elemento identificador de gênero, além de caracterizar a prostituição de rua e sua presença na cidade e compreender de que forma essas prostitutas se percebem enquanto inseridas no contexto social.

A intenção foi perceber a presença dessas pessoas marginalizadas socialmente e compreender as nuances de como a moda se apresenta como forma de comunicação da identidade de gênero e também de ocupação profissional. Para Burszryn (2003), a história da civilização humana é acompanhada pela existência das desigualdades sociais e que tais desigualdades geram a marginalização de dos grupos oprimidos.

O tema se faz importante dentro âmbito acadêmico quando se trata de um estudo antropológico que não pretende tratar de apenas um assunto separadamente, como já feito anteriormente, mas sim abordar as convergências entre os diversos temas citados anteriormente e perceber de que formas eles se tangenciam. Por sua vez, estamos tratando de um grupo específico dentro da sociedade, sobre o qual ainda não foi desenvolvida uma grande quantidade de pesquisas acadêmicas, além de contar com uma delimitação de localidade bem particular.

A pesquisa também veio como uma tentativa de escutar as vozes de um grupo de pessoas socialmente excluídas e que, em suma, não são acadêmicas, tendo assim a relevância social de levar essas realidades para dentro da academia em forma de pesquisa.

Esta monografia é composta por um total de seis capítulos. No primeiro capítulo temos a introdução do trabalho, em que são abordados conceitos gerais sobre o tema e que estão mais aprofundados no decorrer da pesquisa, além de mostrar as diferentes relevâncias que do estudo. O segundo capítulo apresenta a metodologia científica, que discorre sobre os métodos e ferramentas utilizadas nesta produção.

O terceiro capítulo traz uma discussão sobre o que é gênero e como ele se forma no nosso contexto social a partir dos escritos de diversos autores. O quarto capítulo nos mostra transgressões dos paradigmas sociais pressupostos pelo gênero, em especial, a transexualidade e a travestilidade. O quinto capítulo aborda a atividade da prostituição como profissão e diferenças importantes entre as categorizações de prostituição que são

apresentadas.

Posteriormente, temos o sexto capítulo que é composto pela análise dos dados coletados na forma de entrevistas, como também a apresentação de imagens fotografadas pelo autor durante as visitas ao campo. As entrevistas foram realizadas com seis prostitutas transgênero, com pontos de prostituição localizados na Rua Clarindo de Queiroz no centro de Fortaleza. Por fim, encontram-se as considerações finais resultantes da pesquisa.

2. METODOLOGIA

A metodologia trata sobre o curso mais adequado para que a pesquisa alcance os objetivos pré-estabelecidos. [...] “é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade [...]” (MINAYO, 1994, p. 16). Cada pesquisa deve ser analisada com atenção a fim de que as metodologias escolhidas sejam apropriadas para ela e sejam orientadas para os objetivos da mesma.

O capítulo metodológico funciona como um itinerário que deve ser seguido com afinco para que os resultados obtidos sejam válidos e tenham total relevância científica. Não abrange apenas a fase de pesquisa exploratória de campo, como também, tudo o que precede e sucede tal fase. Como estabelecer a amostragem e os critérios de análise dos resultados obtidos, como indica Minayo (2011, p. 43). Por sua vez, pode ser dividida em diversas fases, de forma a ficar mais organizada, inteligível e tornar a sua aplicação plausível.

Para Severino (2007, p. 100) a ciência se faz exatamente a partir do momento que o pesquisador aborda os fenômenos estudados “aplicando recursos técnicos, seguindo um método e apoiando-se em fundamentos epistemológicos”. Na visão do autor, o conhecimento científico é uma malha que entrelaça o teórico e o empírico, o ideal e o real.

2.1. Tipo de Pesquisa

Para a realização do presente estudo, foi escolhida a abordagem qualitativa. Isto se dá por não ser baseada no critério numérico de quantidade de entrevistados, e sim, na relevância de cada entrevistado para alcançar os objetivos do projeto, assim como defende Minayo (2011).

A priori, o estudo bibliográfico vem com o propósito de embasar teoricamente o trabalho proposto e as fases a seguir, também servindo para definir e esclarecer conceitos já existentes sobre o tema dentro da academia. Lima e Miotto (2007, p. 38) escrevem que a revisão de literatura é apenas um dos passos deste método de pesquisa e que “a pesquisa

bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”. As autoras também afirmam que a partir da análise de bibliografia é possível alcançar informações que estão disseminadas em diferentes publicações, podendo fazer uma composição mais ampla de ideias e conceitos.

Nesse contexto, o trabalho traz em si, coletas bibliográficas a respeito do que se entende por gênero, como ele é identificado em nossa sociedade e definições sobre o conceito de binarismo de gênero imposto socialmente. Em seguida, trata princípios acerca das contravenções dos conceitos de binarismo de gênero citados que são abordados, explicando conceitos de transgeneridade. Logo após, traz um breve apanhado sobre prostituição, para entendermos melhor sobre a atividade e podermos relacionar com as definições anteriores, também mostra como a prostituição se dispõe na cidade de Fortaleza. Por fim, apresenta entendimentos sobre moda, vestuário e o importante papel da roupa na construção de identidade de um indivíduo enquanto ser comunicativo e social.

A partir das categorias explicadas por Gil (2002) e Gonçalves (2005), a presente pesquisa apresenta natureza básica, por gerar conhecimentos para o avanço da ciência, porém sem aplicação prática. Do ponto de vista dos objetivos, é uma pesquisa exploratória, pois tem a finalidade de proporcionar maior entendimento sobre os temas abordados, através do estudo bibliográfico e do contato com pessoas que estão inseridas no contexto do problema.

Como mencionado anteriormente, é de abordagem qualitativa por não se deter a parâmetros numéricos. A abordagem qualitativa compreende que a relevância da experiência do sujeito não pode ser perfeitamente expressa em números e quantidades. Dos procedimentos temos o estudo bibliográfico, para dar o alicerce necessário para o entendimento da coleta de dados; consecutivamente, a observação de um contexto microssocial para termos a percepção das realidades de vida do grupo de pessoas estudadas, além da aplicação de entrevistas; por fim, a geração e análise documental, que inclui não apenas documentos impressos, mas, sobretudo tipos de documentos, como fotografias e gravações de voz.

A fim de encontrar o objeto de estudo, foi escolhida a Rua Clarindo de Queiroz, no bairro Centro de Fortaleza como campo. A escolha se deu pela observação prévia do autor que por ter residido próximo à rua citada, já tinha ciência de que se tratava de um ponto de prostituição de garotas de programa transgênero. Ocorreram cinco visitas ao campo entre os dias 05 de maio de 2018 e 12 de junho de 2018. Parte dessas visitas serviram para a aproximação entre o pesquisador e o campo.

Ainda que já tivesse observado brevemente o campo e o objeto de estudo, nunca havia realizado ou mantido contato efetivo com os presentes. Inicialmente, houve certa resistência entre as prostitutas transgênero, que aparentavam não entender do que se tratava e nem demonstravam confiança no autor. As idas em diferentes datas e os reencontros ajudaram a estabelecer um elo e eventualmente, proporcionou o aceite em cederem as entrevistas para a coleta de dados do trabalho.

O principal argumento utilizado pelas mulheres transgênero abordadas era o de que estavam trabalhando, e por isso, não iriam atender o pedido de participar do projeto. Tendo em vista que as entrevistas pareciam inviáveis pessoalmente por conta das respostas preliminares, foi sugerida a realização delas por meio de aplicativo de mensagens na *internet*.

A omissão prosseguiu, antes mesmo de qualquer entrevista ser realizada desta forma. As visitas ao campo persistiram, e as prostitutas dali reconhecendo o autor das outras visitas, acabaram por se interessar em saber mais sobre o projeto e, conseqüentemente, aceitando ceder as entrevistas e a permissão para o uso de imagens.

As visitas ao campo serviram para proporcionar o primeiro contato com dez prostitutas transgênero que se enquadravam nos requisitos citados anteriormente. Nesse mesmo período, foram produzidas imagens das entrevistadas e do local.

Dentre todas as pessoas abordadas, um total de seis pessoas foram entrevistadas em duas ocasiões diferentes, nas datas 30 de maio de 2018 e 12 de junho de 2018. Tendo sido escolhidas a partir da amostragem por acessibilidade, na qual o “pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que esses possam, de alguma forma, representar o universo” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 98). As entrevistas tiveram seus áudios gravados pelo aparelho celular do autor. Foram utilizados os nomes reais fornecidos pelas entrevistadas mediante autorização das mesmas.

2.2. Área de Abrangência

Enquanto espaço físico do estudo, temos o bairro Centro da cidade de Fortaleza, que compreende uma área de 5,45km², segundo dados da Prefeitura Municipal da metrópole⁴. Em especial a Rua Clarindo de Queiroz, que se encontra no bairro citado anteriormente, sendo a continuação da Rua Bárbara de Alencar, com seus 2,3km de extensão que tem início na altura da Avenida Visconde do Rio Branco e findam no seu encontro com a Rua Justiniano de

⁴ Disponível em: <<https://docs.google.com/document/pub?id=13MNgXohbqxtOFmbhhWlQdfrRTmVv3da-b9vyN4HZuFw>>. Acesso em: 12/06/2018.

Serpa. Estando paralela à Avenida Duque de Caxias e à Avenida Domingos Olímpio, perpendicular à Avenida Imperador.

Define-se amostragem como “uma parcela convenientemente selecionada do universo (população); é um subconjunto do universo” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.163).

Neste contexto, a composição da amostragem foi feita no local, considerando os requisitos de *i) Performarem feminilidade; ii) Serem mulheres transgênero e iii) Que se prostituam*. Não tendo sido feita discriminação de características como idade, classe social e o período que se encontra na profissão, podendo ou não descrever tais traços na análise dos dados.

Abrangendo a Rua Clarindo de Queiroz desde seu início até a altura do seu cruzamento com a Rua Major Facundo, percorrendo seis quarteirões, equivalentes à extensão de 600m. Visto que é nesta determinada extensão da rua que ficam os pontos de prostituição das pessoas estudadas, sendo também a área de maior movimentação das prostitutas transgênero que ali trabalham.

2.3. Plano de Coleta de Dados

As etapas definidas para a realização da pesquisa são: A - **Levantamento de dados** – objetivando descobrir a história de vida de cada pessoa pesquisada, aplicação deste procedimento, que, segundo Severino (2007), se dá através da realização de entrevistas semiestruturadas, nas quais existe um roteiro de perguntas básicas necessárias para alcançar os objetivos da pesquisa, mas o pesquisador está livre para levantar questionamentos que surjam no momento da entrevista, a fim de manter uma conversação mais fluida e humana, sem perder o foco e o direcionamento dos objetivos da pesquisa. Tal estrutura é vantajosa para o estudo, pois tendo esse caráter mais subjetivo, pode ampliar a compreensão e esclarecer dúvidas do pesquisador que possivelmente apareceriam numa pesquisa objetiva (FRANCO, 2011).

Com o intuito de oferecer mais abertura para a fala das entrevistadas, a aplicação de entrevistas não diretivas também se faz valer, em que o pesquisador mantém escuta ativa e faz poucas intervenções, para o autor, este procedimento permite um diálogo mais descontraído, próximo e sem constrangimentos. Sendo todas as entrevistas gravadas em áudios pelo gravador de voz do aparelho celular do pesquisador;

B - **Pesquisa bibliográfica específica e documental** – dentro do estudo bibliográfico, a seleção das principais referências sobre os temas abordados, como livros e

produções acadêmicas sobre a discussão de gênero, explicações acerca da transgeneridade, categorizações da prostituição, como também sobre a aplicação da moda na construção identitária e de gênero de um indivíduo.

Como complemento documental, a elaboração e o uso de fotografias das pessoas entrevistadas e suas roupas, servindo como uma ampliação do entendimento do contexto sociocultural como preveem Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009).

Essa forma de análise também se justifica pela necessidade de perceber o vestuário como documento formador de identidades particulares, pois mesmo que essas mulheres sejam pertencentes ao mesmo grupo social, existem entre elas diferenciações que se fazem presentes nas roupas;

C - Tratamento de dados – interpretação dos dados obtidos. Transcrição e análise dos áudios gravados nas entrevistas, amparando as falas na bibliografia pesquisada e relacionando com a pesquisa documental.

2.4. Tratamento de Dados

Após a coleta dos dados, inicia-se a análise crítica e interpretação dos mesmos. A interpretação dos dados é redigida para o entendimento dos raciocínios. Cabe ao discernimento do leitor fazer os juízos a partir dos conceitos e análises apresentados (GONÇALVES, 2005).

Neste caso, foi realizada a transcrição dos áudios gravados nas entrevistas. Em seguida, a interpretação dos mesmos e a discussão com o referencial teórico que embasou o presente projeto, utilizando o estudo bibliográfico como suporte para as falas das entrevistadas. Bem como a seleção das fotografias produzidas pelo autor do trabalho durante as visitas ao campo. Os rostos das informantes foram ocultados a pedido das mesmas.

2.5. Categorias Analíticas

São as categorias utilizadas para classificar, compilando ideias e conceitos, tendo um apanhado de palavras-chave abrangentes em relação ao conteúdo que está sendo apresentado no trabalho (GONÇALVES, 2005).

Com isso estabelecido, as categorias analíticas selecionadas para o estudo exposto foram: gênero, transgênero, prostituição, moda e identidade.

Gênero, por ser a base para todas as discussões apresentadas subsequentemente; **Transgênero**, para o melhor entendimento das subversões dos gêneros propostos socialmente; **Prostituição**, para maiores percepções a respeito da profissão do sexo; **Moda**, por ser um importante marcador social e pelo conjunto de seus signos desempenharem singular na edificação social de identidade um sujeito; **Identidade**, por sua expressividade marcante, capaz de comunicar traços da personalidade de um indivíduo, e por sua relevância dentro do contexto do trabalho apresentado.

3. IDENTIFICANDO O GÊNERO

Assim como defende Sayão (2006), as diferentes sociedades traçam perfis constituintes de masculinidade e feminilidade, mesmo que ocorra de forma subjetiva, e a partir disto, vão-se demarcando estereótipos múltiplos e incorporados acriticamente nos corpos.

É comum dentro da nossa sociedade contemporânea, percebermos o gênero como uma categorização de lógica binária, na qual existem dois gêneros pressupostos que se contrapõem: masculino e feminino. O gênero de cada pessoa é designado no momento do seu nascimento, e é definido a partir da sua genitália. Sendo assim, ele acaba sendo assinalado apenas como homem ou mulher, e de cada uma dessas categorias, é esperado um posicionamento comportamental dentro do contexto social. Para Butler (2003), a lógica binária se apresenta de forma altamente determinista e trata os estereótipos atrelados a cada gênero como leis culturais inerentes aos gêneros:

[...] a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, **inscritos em corpos anatomicamente diferenciados**, sendo esses corpos compreendidos como **recipientes passivos de uma lei cultural inexorável**. Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas **a cultura se torna o destino** (BUTLER, 2003, p. 26, grifo nosso).

O gênero que cada um possui pode ser tratado como uma construção social a partir do contexto sociocultural que estiver sendo abordado. Quando Beauvoir (2014) escreve que não se nasce mulher e sim se torna uma, infere-se que o gênero é construído, mas não necessariamente fixo, podendo alterar suas características posteriormente.

Grossi (1998) escreve que, no Ocidente, os conceitos de gênero e de sexualidade estão fortemente atrelados um ao outro, e explica que isso dificulta os estudos sobre a problemática da sexualidade e identidade de gênero.

3.1. Ser Mulher, Ser Homem

É perceptível que cada vez mais nas últimas décadas, as questões de gênero vêm sendo abordadas, estudadas e discutidas por pensadores, crescendo a quantidade de pesquisas acadêmicas no campo, especialmente, aquelas ligadas ao feminismo e a subversão de gênero.

Os gêneros são construídos a partir de uma série de signos que vão sendo aprendidos desde a infância e são perpetuados geração após geração. As diferenças entre os gêneros vão sendo tecidas nas crianças gradativamente pelos processos de interação com outras crianças, com adultos, — pessoas que já tiveram seus gêneros edificados — e também, a partir das suas percepções em relação aos meios de entretenimento, como a televisão, o cinema e a música, assim defende Sayão (2006).

Os escritos de Loiola (2009) defendem uma ideia similar à dos escritos de Sayão (2006), argumentando que o gênero é formado a partir dos padrões banais e pelos hábitos culturais.

[...] as ações cotidianas realizadas pelos sujeitos são mediadas, essencialmente, pela cultura, pois, é nesta que estes regulam a vida social, imprimindo sob condições sócio-político-históricas, padrões comportamentais sociais e sexuais (LOIOLA, 2009, p. 31).

A autora Butler (2003) escreve que a inteligibilidade das pessoas somente vem quando esta adquire seu gênero em conformidade com os padrões e signos pressupostos na sociedade em que estão inseridas. Assim, a formação identitária de cada pessoa é permeada por situações diárias nas quais signos vão sendo aprendidos, e como resultado, acontece a construção do seu gênero e como seu corpo e identidade se relacionam com ele.

O que pode então significar 'identidade', e o que alicerça a pressuposição de que as identidades são idênticas a si mesmas, persistentes ao longo do tempo, unificadas e internamente coerentes? [...] como essas suposições impregnam o discurso sobre as 'identidades de gênero'? (BUTLER, 2003, p. 37).

A sociedade brasileira, como a maioria das sociedades, põe em prática distinções de gênero já na infância, tratando cada sexo de maneira diferenciada em relação ao outro. Tal ideia fica clara nos escritos de Vera *et al.* (2008):

A maioria das sociedades realiza práticas de socialização diferenciadas com as crianças, tratando cada sexo de maneira distinta, **incentivando diferentes tipos de roupas, brinquedos, brincadeiras, esportes, comportamentos, atitudes, etc.** A participação nessas atividades socializadoras e as recompensas associadas a elas são outras razões para **esperarmos que mulheres e homens percebam a si mesmos (as) de forma distinta, desenvolvendo auto-conceitos também distintos** (VERA *et al.*, 2008, p. 1, grifo nosso).

Possuímos então, uma disposição heterossexista, em que predominam os valores heteronormativos⁵ e da masculinidade idealizada, tendo assim, como padrão cultural, o domínio do homem sobre a mulher. É também, por conta desse construto social, que atributos como força física, destreza, poder e intelectualidade são diretamente associados à ideia de macheza (LOIOLA, 2009).

O vestuário e a moda acabam por exercer um papel importante na construção dos gêneros, pois as roupas e acessórios são utilizados como forma de diferenciação entre os sexos. A moda é um fenômeno social único, capaz de expressar até mesmo o mais ínfimo sentimento de um indivíduo e responsável por mostrar como a pessoa se edifica seu vestir e agir como ser social. A leitura desses signos por aqueles que estão ao seu redor, atribui ao indivíduo diversas percepções dentro do contexto social no qual ele está inserido. Assim como declara Cidreira (2001) sobre o fenômeno da moda como afirmação pessoal:

Situar-se nesse horizonte individual, que diz respeito ao modo como a moda pode traduzir o comportamento psicológico do homem, ser espelho de seus hábitos e gostos, parece ser ainda redutor. É preciso elastecer a visada e olhar o fenômeno moda de forma mais abrangente. Arriscar a afirmação de que a indumentária pode ser pensada enquanto indicativo de uma forma de estar no mundo e mais, elemento de expressão de grupos, ou mesmo de uma sociedade, e por que não, de uma época (CIDREIRA, 2001, p. 2).

A moda como demarcador social de status e gênero traz intrinsecamente em si, a utilidade de subversão de fronteiras simbólicas criadas em determinados contextos sociais. Da mesma forma que ir à praia com roupas de banho emite determinada comunicação, aparecer no mesmo ambiente com um vestido de gala terá uma comunicação totalmente diferente da socialmente aceita, mas ainda assim vai comunicar algo e permitir a identificação do sujeito no espaço público. Portanto, a roupa como artefato social possui a capacidade de instituir identidades sociais e permite que cada indivíduo exponha ao mundo sua identidade social (CRANE, 2006).

A autora entende que as roupas podem servir como uma espécie de camisa de força, uma prisão social, que restringe o comportamento e a fluidez dos movimentos humanos, citando o vestuário feminino na era vitoriana. Também avista que por outra perspectiva, as vestes podem ser tidas como imenso receptáculo de significados, podendo ser modificadas e ter seus significados reformados.

⁵ A heteronormatividade é tida como a “norma da heterossexualidade compulsória – onde se presume que todas as pessoas são heterossexuais” (NASCIMENTO, 2010, p. 228).

Como complemento da segunda perspectiva acerca das roupas, as interpretações desses significados são infinitamente subjetivas, cabendo ao discernimento de cada espectador a captação da comunicação que está tentando ser passada naquele contexto (Figura 1).

Figura 1 – Coisas de menina *versus* coisas de menino



Fonte: Dika Araújo⁶

Estabelece-se que a cultura é um sistema expressivo pelo qual diretrizes sociais são comunicadas, reproduzidas, experimentadas e exploradas. Dentro deste entendimento, a moda e o vestuário devem ser considerados elementos culturais, pois através deles, diretrizes sociais são comunicadas, reproduzidas, experimentadas e exploradas. Através da moda e do vestuário nos colocamos como seres culturais e sociais (CIDREIRA, 2010).

A construção idealizada do ser homem nessa conjuntura social é, resumidamente, deter virilidade, dar suporte financeiro à família e ter o direito à liberdade sexual completa. É completamente aceitável que um homem, mesmo compromissado em um relacionamento monogâmico, seja um predador e trate as mulheres como caça, com a argumentação de que isso faz parte do seu instinto de macho (NADER; CAMINOTI, 2014).

Já a idealização da mulher mostra-se como o contraponto da imagem masculina. Resume-se aos afazeres domésticos e à maternidade. Não detém força, inteligência e muito menos o direito à liberdade sexual. Ainda é tida como uma figura de futilidade e composta por um emocional frágil e volátil (COUTO, M. *et al.*, 2006).

⁶ Disponível em: <http://emails.estadao.com.br/blogs/nana-soares/wp-content/uploads/sites/312/2017/01/Editorial_NanaSoares_infancia-1024x570.jpg>. Acesso em: 24/04/18.

Margareth Rago (1985) reforça os constructos sociais discorridos anteriormente quando escreve que:

À menina são atribuídos qualificativos como passividade, docilidade, desejo de poder em seu território natural, o lar, instinto de maternidade, romantismo, enquanto que ao sexo masculino correspondem a vocação do poder, a capacidade de tomar iniciativas, tenacidade, desejo de liberdade e racionalidade (RAGO, 1985, p. 85).

A visão da mulher ideal descrita acima é corroborada por Stearns (2007) e sua visão histórica acerca dela, em que nos mostra que o impacto europeu e a difusão do cristianismo desde as primeiras conversões religiosas que ocorreram no território brasileiro foram fermentando a crença de que o papel — quase — sagrado da mulher era o doméstico, sendo este “o ritual da verdadeira feminilidade” para alguns.

O autor também aponta que a visão europeia era conflitante com a que existia aqui com os povos indígenas, tendo em vista que os europeus reforçavam os ideais hierárquicos de domínio masculino e não admitiam que o sexo feminino pudesse ter tanta liberdade, direitos e importância social. Pela sua inabilidade de admitir que um sistema de gênero diferente do seu funcionava, os europeus esforçaram-se ao máximo para dismantelar quaisquer ideias igualitárias de importância entre os gêneros que pudesse existir.

Para Vera *et al.* (2008) “tanto a masculinidade quanto a feminilidade são construídas, reforçadas e mantidas por questões de gênero e culturais.” As diferenças entre ambos os sexos se fazem perceptíveis na forma como são perpetuadas geração após geração, para que as regras já impostas sejam praticadas sem muita relutância, mantendo a existência da sociedade patriarcal e a degradação da imagem feminina.

O gênero, enquanto algo estático é instável. Somente consegue vingar com a supressão das ambiguidades e subjetividades, e criando uma compreensão facilmente inteligível do ser homem ou ser mulher. Dentro dessa relação, o gênero feminino está subjugado ao masculino, já que “o próprio princípio de masculinidade baseia-se na repressão necessária dos aspectos femininos” (SCOTT, 1989, p. 16).

3.2. A idealização do corpo feminino

O corpo feminino está saturado de expectativas sociais, principalmente quando se trata da aparência física. As relações entre o corpo feminino e a estética são intrinsecamente culturais e os resíduos dos ideais de feminilidade perpassam as gerações. As imagens de

feminilidade nos rodeiam e estas incorporam o discurso social acerca do que é o feminino ideal, atribuindo ao sexo feminino características específicas. Dentro desse contexto, o ideal de feminilidade se mantém no inconsciente social a partir das imagens e modelos de feminino que bombardeiam nosso cotidiano. De tal forma, o sexo feminino não consegue se desvincular da preocupação com a aparência e torna inerente às mulheres características como a magreza e a juventude (MOTA-RIBEIRO, 2003).

Com a emergência do movimento feminista e o seu fortalecimento no fim do século XIX e início do século XX, as mulheres conquistaram maior espaço e, conseqüentemente, puderam se desvencilhar de diversas amarras sociais como explicam Sales, Amaral e Esmeraldo (2000):

[...] foi no século XIX que se assistiu ao surgimento de um dos mais significativos movimentos sociais que se configurou plenamente na segunda metade do século XX, o movimento feminista, [...]. Meados de 1960 a 1980, é o período contemporâneo do movimento feminista. Muitas mudanças sociais e culturais marcam este período, no qual destacam-se a conquista de novos territórios de lutas, de maior visibilidade das mulheres, do reconhecimento e legitimidade social em relação às lutas feministas e a emergência do feminismo heterogêneo e plural (SALES; AMARAL; ESMERALDO, 2000, p. 16).

Embora as conquistas provenientes do movimento feminista sejam incontestáveis e que tenham ocorrido inúmeras mudanças socioculturais, isto não foi o suficiente para erradicar de vez a objetificação do corpo feminino e a sexualização a partir dos padrões estabelecidos que se sedimentaram entre as pessoas.

Swain (2001) explica que no Ocidente, as mulheres acabam sendo encaixadas em apenas uma de duas representações possíveis: a diabolizada ou a santificada. As representações antitéticas são definidas e integram uma relação dicotômica entre a diabolizada, que é de “uma natureza sexuada selvagem, rebelde e má”, e a santificada, que seria a imagem da “boa e verdadeira mulher”. Esse discurso divisor trata também da “domesticação” do perfil da diabolizada e na sua transformação em santificada.

Esses perfis estão internalizados socialmente e a mídia se apropria dessas construções para gerar seu conteúdo. Por isso, é comum vermos representações até caricatas trazendo a mulher na posição de objeto sexual e de desejo, ou então, na posição de domesticidade, atrelada ao casamento, à maternidade e ao romance, como continua a autora.

Berger (1999) apresenta que a diferenciação entre o homem e a mulher existe justamente na associação entre o ser feminino e a aparência, enquanto a existência do homem

está associada ao poder, seja ele físico, social, econômico ou moral. Sendo assim, a preocupação com a estética é tida como uma característica inerente à feminilidade.

4. GÊNERO E SUAS TRANSGRESSÕES

As categorizações de gênero vêm pouco a pouco se modificando através dos tempos, e já não são apenas duas categorias percebidas hoje em dia. A transgeneridade, como defende Lanz (2014) é um fenômeno sociológico que trata da transgressão das normas de gênero impostas socialmente.

A transgeneridade funciona como um termo guarda-chuva e pode enquadrar as mais diversas identidades de gênero (Figura 2). O mais comum de percebermos na sociedade são pessoas que ainda estejam encaixadas dentro da dualidade de gêneros — homem e mulher —, entretanto, essas pessoas não se percebem socialmente dentro do gênero ao qual foram designadas ao nascer (LANZ, 2014).

Assim, uma criança que ao nascer que é designada como mulher a partir da presença da vagina, entretanto, posteriormente se identifica e assume a identidade, os papéis de gênero e determinada imagem corporal com signos masculinos, é tida como um homem transgênero. Também podemos encontrar a relação contrária: uma criança que ao nascer que é designada como homem a partir da presença do pênis, entretanto, posteriormente se identifica e assume a identidade, os papéis de gênero e determinada imagem corporal com signos femininos, é tida como uma mulher transgênero.

Figura 2 – Símbolo da transgeneridade



Fonte: Augusto Victorio⁷

⁷ Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/509821620302254952/>>. Acesso em: 20/05/18.

A Figura 2 mostrada anteriormente é uma ilustração que traz o símbolo⁸ da transgeneridade ao centro, desenhado nas costas de um punho cerrado⁹, sobrepostos à bandeira do orgulho transgênero, idealizada em 1999 e utilizada pela primeira vez em 2000 em uma Parada do Orgulho Trans nos Estados Unidos. Segundo sua criadora, Monica Helms, ela representa as cores tradicionais associadas aos dois gêneros mais comuns, — azul para homens, rosa para mulheres — e sua faixa central branca simboliza todos aqueles que se identificam como transitórios, em transição, neutros ou indefinidos dentro desses gêneros.

4.1. T: Transexualidade e Travestilidade

Dentro das transgressões de gênero que a transgeneridade representa, contudo, ainda dispostas dentro da dualidade, existem a travestilidade e a transexualidade. Sendo a travestilidade um termo com uma variedade regular de significados. Entre eles o ato de se travestir de outro gênero, se vestir e adquirir traços tidos como do gênero oposto por um determinado período, mas ainda assim, não deixar de ser do gênero determinado (COUTO, E., 1999). O autor ainda defende que a aparência e o comportamento desviante de gênero presente na travesti, não denota uma rejeição de suas partes íntimas, mas que há o anseio por modificações corporais:

Na travesti, o prazer em usar roupas e agir socialmente com modos do outro sexo, de se identificar e assumir vários comportamentos ‘opostos’, não significa a negação do seu sexo genital. [...] transformam o corpo, quase sempre por meio de hormônios e silicone em uma ou mais partes do corpo, [...] pois querem uma aparência ultra feminina (COUTO, E., 1999, p. 23).

Há também o significado de travesti como indivíduo caracterizado como homem ao nascer, mas assume aparência e comportamentos femininos por tempo indeterminado, além de autodenominar-se não como homem ou mulher, e sim como travesti.

A outra categorização, a transexualidade, se mostra mais próxima da segunda definição de travestilidade. No caso da transexualidade feminina, o indivíduo é erroneamente indicado como homem, mas não se identifica como tal. Assume nome, aparência e

⁸ Representa e defende principalmente a igualdade entre as identidades de gênero. <<http://transliteracao.com.br/leiladumaresq/2013/01/simbologia-trans-como-uso/>>.

⁹ O punho cerrado erguido no ar é um símbolo de resistência social e política, utilizado principalmente por movimentos de esquerda e associado a diversas causas, como a luta do negros, feminismo, entre outros. <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/06/24/Qual-o-significado-do-gesto-de-levantar-o-bra%C3%A7o-com-o-punho-fechado>>.

comportamentos femininos e enxerga-se como mulher perante a sociedade. Para Edvaldo Couto (1999), a transexualidade se define como “a incompatibilidade da conformação genital com a identidade psicológica sexual do mesmo indivíduo” e que além de rejeitar o sexo que lhe foi civilmente atribuído, se designa psicologicamente como sendo de um sexo oposto. Por muitas vezes há intervenções médicas, obviamente não obrigatórias, que podem ser administração de hormônios, cirurgias plásticas com fins estéticos e inclusive a cirurgia de redesignação sexual (CRS)¹⁰, na qual alteram-se as características genitais (FRANCO, 2011).

Percebe-se que a travestilidade tende a ser algo mais momentâneo, ligada ao prazer de usar vestes e se comportar com modos de outro gênero, mas não necessariamente define o gênero, muito menos a sexualidade da pessoa que se traveste. Couto, E. (1999) reafirma isto quando diz que o ato de se travestir compreende o desejo ardente de assumir essa outra personalidade, apenas para aparentar ser, sem definitivamente sê-lo, trazendo uma satisfação psicossocial ao indivíduo.

Tal prática não está totalmente atrelada à sexualidade e não se define completamente como uma variação da homossexualidade, tendo em vista que também existem heterossexuais que se travestem apenas pelo prazer da socialização sem praticar o homoerotismo.

Diferentemente, a transexualidade é constante e a mulher transexual não apenas adquire signos de vestuário e comportamento ligados ao gênero feminino, como é mulher em todas as situações da sua vida. Inclusive se vendo e se percebendo como mulher o tempo todo.

Portanto, a distinção básica é esta: **a travesti socialmente é do gênero feminino**, algumas se sentem psicologicamente mulher, outras homem, e sexualmente podem agir tanto como homossexual ativo, quanto passivo, enquanto que **a transexual é mulher na alma, na rua e na cama** (COUTO, E., 1999, p. 23, grifo nosso).

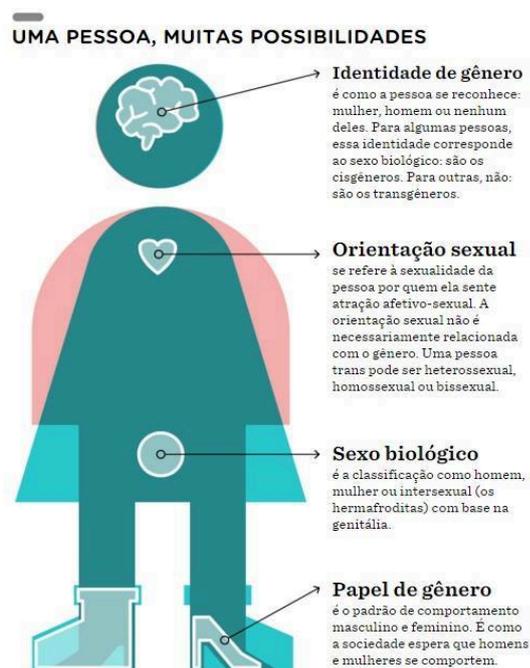
Com tais diferenciações, o autor presume que a travesti se utiliza do vestuário, adereços e comportamentos femininos, pois esse agir lhe traz uma satisfação emocional. Já a transexual utiliza-se do vestuário, adereços e comportamentos femininos, pois é mulher e anseia ser reconhecida socialmente como tal.

Cardoso (2005) trata de diferenciar uma categoria de travesti que ele nomeia travesti fetichista, nesta a travestilidade é praticada para fins de excitação e durante o ato sexual. Tal prática possui vários níveis, desde homens heterossexuais que sentem prazer ao utilizar peças femininas durante a masturbação até um nível psicologicamente mais profundo,

¹⁰ Cirurgia de Redesignação Sexual (CRS). Disponível em: <<http://www.transgeneros.com.br/cirurgias/redesignacao-sexual-srs>>. Acesso em: 30/06/17.

em que esse homem heterossexual se sente excitado eroticamente ao se perceber mulher durante o ato sexual. Deve-se reforçar que esses homens, continuam se percebendo e sendo percebidos como do gênero masculino e como indivíduos heterossexuais. Diferente de homens homossexuais que sentem prazer de ambas as formas: pelo ato de se travestir por si somente, como forma de encarnar uma personagem e também pela prática sexual com pessoas do mesmo sexo.

Figura 3 – Infográfico de conceitos de gênero e sexualidade



Fonte: Meu novo eu¹¹

A Figura 3 disposta anteriormente traz um infográfico que explica de forma simplificada determinados conceitos básicos relacionados ao estudo da transgeneridade debatidos anteriormente pelos autores. Trazendo o sexo biológico como a classificação enquanto homem ou mulher a partir da genitália, sendo uma classificação feita no momento do nascimento da criança. Além disso, temos a identidade de gênero, que parte da auto identificação com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer; aqueles que se identificam com o gênero atribuído são indivíduos cisgênero e aqueles que não se identificam com o mesmo são indivíduos transgênero.

O papel de gênero também se mostra presente, como sendo o padrão de comportamento pressuposto socialmente, tanto para o masculino quanto para o feminino, ou

¹¹ Disponível em: <<https://meunovoeu.wordpress.com/>>. Acesso em: 18/05/18.

seja, a expectativa social de como homens e mulheres devem se portar de acordo com seu gênero. Outro conceito apresentado é o da orientação sexual, que não está diretamente atrelada à identificação de gênero de cada indivíduo, sendo referente à sexualidade daquele indivíduo e com que outro(s) gênero(s) determinado sujeito se relaciona sexualmente.

4.2. Feminização: o tornar-se Mulher

Aquelas que se identificam como mulheres transgênero — tanto enquanto transexuais como enquanto travestis — tendem a negar essa condição devido ao forte preconceito e discriminação social. Assim, demoram a assumir sua identidade feminina como única, mesmo que notando desde criança ser desviante do padrão binário imposto pela sociedade. Muitas começam o processo de feminização na adolescência ou início da fase adulta, quando já construíram socialmente seus ideais femininos de ser e agir, e já se dão como donas dos próprios corpos.

Essa feminilidade que vai sendo fundada tem como base a imagem do corpo ideal feminino contemporâneo. Assim, a construção da identidade corporal vai se moldando dia após dia aquilo que é tido como belo, em especial, pela mídia. Hoje, a imagem do corpo ideal é a de um corpo não gordo, que pratica exercícios e se submete a tratamentos para se manter dessa forma. Alguns traços são tidos como portadores de feminilidade, como traços finos, bocas carnudas, cabelos longos, corpos volumosos e curvilíneos e seios avantajados (NOGUEIRA, 2009).

Sobre a experiência da travesti, que acaba por ser da transexual também, o autor menciona que o corpo belo para elas, além de possuir esses atributos, devem ser acompanhados de outros recursos para esconder sinais de masculinidade indesejados que contrariam a nova estética construída.

O processo de transição é, por sua vez, longo, cansativo e até doloroso, variando de pessoa para pessoa. Os primeiros aspectos alterados são as roupas, que passam a ser femininas, os cabelos mais longos e alguns enchimentos que vêm com o propósito de dar curvas mais femininas ao corpo, como os seios.

Jeudy (2002) trata da estética corporal e sobre a dominação que nós, enquanto pessoas, queremos exercer sobre nossos corpos:

A estética corporal, como abismo do reconhecimento cultural, passa sempre por uma vontade de dominação, pois nega o processo de uma alteridade domesticada, de uma

alteridade “média” que seria o fruto idealizado de uma relação intercultural (JEUDY, 2002, p. 105).

Do ponto de vista de uma pessoa transgênero, o ideal é que se aparente o máximo possível com o gênero com o qual se identifica, misturando-se com os outros indivíduos pertencentes ao mesmo gênero. Tal sensação de pertencer concedida pela aparência física é encontrada nos escritos da autora Cidreira (2001):

A aparência se apresenta, nesse sentido, como um elemento agrupador: "a estética é um meio de experimentar, de sentir em comum e é, também, um meio de reconhecer-se(...)". Esse aspecto pode ser assistido de forma mais radical nos mais diversos "movimentos de estilo" (CIDREIRA, 2001, p. 2).

A necessidade emocional de ser agrupado esteticamente ao gênero com o qual se identifica o indivíduo transgênero, não exclui a vontade de diferenciação e individualização do corpo. O'Dwyer (2016, p. 36) traz o corpo como o separador entre indivíduo e o mundo externo, definindo o corpo como “uma construção simbólica, não uma realidade em si” e apontando-o como um dado subjetivo e consequente das influências sociais e culturais.

4.3. As narrativas do transfeminismo

O feminismo nasceu no fim do século XIX, das manifestações contra a discriminação da mulher, tanto social quanto politicamente. É com esse viés que se sustenta até hoje. Partindo da luta para a conquista do direito ao voto às mulheres, o movimento se espalhou por diversos países, sendo responsável por lutar e conquistar espaços sociais além do lar para as mulheres, como o acesso às universidades, ao mercado de trabalho e ao cenário político, não mais como coadjuvantes, mas como protagonistas (LOURO, 1997).

Acerca da construção desse caráter de luta do movimento feminista, Alves e Pitanguy (1985) escrevem:

O feminismo se constrói, portanto, a partir das resistências, derrotas e conquistas que compõem a História da Mulher e se coloca como um movimento vivo, cujas lutas e estratégias estão em permanente processo de re-criação. Na busca da superação das relações hierárquicas entre homens e mulheres, alinha-se a todos os movimentos que lutam contra a discriminação em suas diferentes formas (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 74).

Historicamente, o movimento feminista se divide em três fases, delimitadas pelos ideais defendidos e pelo contexto social da época em que cada uma está situada. A primeira

onda do feminismo surgiu no cenário de uma sociedade industrial e de políticas liberais, em países europeus e nos Estados Unidos, no final do século XIX e início do século XX, defendendo a igualdade entre os sexos, além do livre acesso e de oportunidades para as mulheres.

Já a segunda onda do feminismo surgiu nas décadas de 1960 a 1970, atravessando a década de 1980 ao início da década de 1990, sendo constantemente associada ao feminismo radical (Figura 4). É nesta fase que grupos interseccionais de opressão, como negros e homossexuais, passaram a reivindicar seu espaço, sendo uma fase voltada para as desigualdades da lei e socioculturais entre homens e mulheres.

Figura 4 – Primeira e segunda onda do feminismo (da esquerda para a direita)



Fonte: Juntos! – Organize sua indignação¹²; Hypheness¹³.

A terceira onda do feminismo (Figura 5) surgiu em meados da década de 1990, no âmbito da sociedade da informação e políticas neoliberais. Dando continuidade à questão da interseccionalidade tão defendida na segunda fase, a terceira fase é baseada na ideia da inclusão das diversidades e na multiplicidade (KROLOKKE; SORENSEN, 2006).

¹² Disponível em: <<https://juntos.org.br/2016/01/especial-juntas-as-sufragistas-e-a-primeira-onda-do-feminismo/>>. Acesso em: 18/05/18.

¹³ Disponível em: <<https://www.hypheness.com.br/2017/01/a-vida-e-a-luta-de-angela-davis/>>. Acesso em: 18/05/18.

Figura 5 – Terceira onda do feminismo



Fonte: Mídia Ninja¹⁴.

A vertente do feminismo que trata das reivindicações das mulheres transgênero é conhecida como transfeminismo. Surgindo e ganhando potência na segunda década do século XXI, tem como principais pautas, o fim da correlação entre a genitália e o gênero e o reconhecimento das pessoas transgênero — sua história, luta e experiências individuais —, em especial, as mulheres trans¹⁵ e travestis (JESUS, 2013).

Além disso, o transfeminismo se valida do argumento da interseccionalidade das opressões, princípio derivado da segunda onda do movimento feminista, que tratava não somente das reivindicações das mulheres negras, mas também dos homossexuais e dos transgressores de gênero, em especial, travestis, transexuais e *drag queens*¹⁶.

Num momento de interseccionalidade entre o movimento LGBTQ¹⁷ e o movimento feminista, ocorreu a Rebelião de *Stonewall* (Figura 6) em 1969 em Nova Iorque, aonde membros da comunidade LGBTQ entraram em manifestações contra a violência da polícia da época contra os homossexuais e os transgênero que frequentavam o bar conhecido como *Stonewall Inn* (CHATEAUVERT, 2014).

¹⁴ Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/midianinja/14938580101/>>. Acesso em: 18/05/18.

¹⁵ O termo “trans” é comumente utilizado como abreviação das palavras “transgênero” e “transexual”.

¹⁶ Homens, na sua maioria homossexuais, que se vestem como mulheres de forma estereotipada, porém sem o caráter de identitária, e sim para fins artísticos e performances políticas (JESUS, 2012).

¹⁷ Sigla utilizada para referir-se à comunidade entre Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e *Queer* (da palavra inglesa, significando alguém estranho e excêntrico. Inicialmente utilizada de forma pejorativa, mas então ressignificada para se referir aqueles que não estão em conformidade com os padrões de heteronormatividade e de binarismo de gênero.

Figura 6 – Manifestante sendo arrastada na Rebelião de *Stonewall* (1969)



Fonte: Universo Retrô¹⁸.

Os confrontos violentos duraram por seis dias, tendo sido liderados pelas ativistas transgênero Marsha P. Johnson — também negra — e Sylvia Rivera (Figura 7).

Figura 7 – Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera (da esquerda para a direita)



Fonte: FFW – Fashion Forward¹⁹; LGBT Weekly²⁰.

Cumpra denotar que homens trans²¹ também sofrem preconceito por conta da sua identidade de gênero. Esse preconceito se fundamenta no pensamento sexista e transfóbico de

¹⁸ Disponível em: <<http://universoretro.com.br/rebeliao-de-stonewall-completa-46-anos-e-casamento-gay-e-legalizado-nos-eua/>>. Acesso em: 18/05/18.

¹⁹ Disponível em: <<https://ffw.uol.com.br/noticias/cinema/novo-documentario-na-netflix-reve-historia-de-icone-lgbt-marsha-p-johnson/>>. Acesso em: 18/05/18.

²⁰ Disponível em: <<http://lgbtweekly.com/2014/04/24/sylvia-rivera-and-community-identity/>>. Acesso em: 18/05/18.

que aquele homem, por ser transgênero, não é um homem “de verdade”, portanto, não detentor de qualquer privilégio que a sociedade direciona aos homens. Assim, o indivíduo transgênero — tanto masculino, quanto o feminino — acaba vivenciando uma experiência bifurcada, na qual o seu gênero só é validado dentro da conveniência dos outros sujeitos sociais ao seu redor (WATSON; SHAW, 2011).

O feminismo enquanto movimento social é múltiplo em sua existência, abrigo de vertentes com perspectivas por vezes divergentes entre si. Assim, é possível a presença de vertentes feminista trans-excludentes, como o feminismo radical, definido como:

Corrente feminista que se assenta sobre a afirmação de que a raiz da desigualdade social em todas as sociedades até agora existentes tem sido o patriarcado, a dominação do homem sobre a mulher. A Teoria do Patriarcado considera que os homens são os primeiros responsáveis pela opressão feminina e que o patriarcado necessita da diferenciação sexual para se manter como um sistema de poder, fundamentado pela explicação de que homens e mulheres seriam em essência diferentes. Para vencer a opressão feminina, as feministas desta corrente defendem que é fundamental, mas não basta apenas, concentrar os esforços na busca das explicações sobre as diferenças entre os sexos e a subordinação da mulher no sistema patriarcal, mas que as mulheres devem se unir na luta contra os homens (argumento criticado e considerado por outras feministas como “guerra dos sexos”), assim como, devem rejeitar o Estado e todas as instituições formais por ser produto do homem e, portanto, de caráter patriarcal (SILVA, 2008, p. 4).

Por muitas vezes, o feminismo radical é associado a ideais de segregação entre a mulher cisgênero²² e a mulher transgênero, opondo-se a vertentes como o feminismo liberal e o transfeminismo. Num vocabulário contemporâneo, as feministas radicais são chamadas de RadFem²³, podendo ser chamadas de TERF²⁴, que são as trans-excludentes e até de SWERF²⁵, que são aquelas que excluem as profissionais do sexo por acreditarem que as próprias fomentam a objetificação do corpo feminino dentro da indústria do sexo.

²¹ Homens trans são pessoas que foram designadas como mulheres ao nascer, mas não se entendem, nem cumprem papéis sociais pressupostos do gênero feminino (ALMEIDA, 2012).

²² Aquele indivíduo para o qual sua identidade de gênero está a par com o gênero que lhe foi dado ao nascer (LANZ, 2014).

²³ Abreviação do inglês “*radical feminist*” que significa literalmente, feminista radical.

²⁴ Sigla em inglês para “*Trans-Exclusionary Radical Feminist*”, traduzido como feministas radicais trans-excludentes.

²⁵ Sigla em inglês para “*Sex Worker Exclusionary Radical Feminist*”, traduzido como feministas radicais excludentes de trabalhadoras sexuais.

4.4. Patologização da transexualidade

Do ponto de vista da saúde, o “transexualismo”²⁶ ainda é tido como uma patologia, vide sua presença na Classificação Internacional das Doenças (CID)²⁷, publicação oficial da Organização Mundial da Saúde (OMS) na qual se objetiva codificar, de forma padronizada, a classificação de doenças.

A classificação do “transexualismo” se encontra sob o código F.64.0, inserido na categoria F.64 – Transtornos da identidade sexual, contida no capítulo “Capítulo V - Transtornos mentais e comportamentais” da publicação. Tendo como definição:

Trata-se de um desejo de viver e ser aceito enquanto pessoa do sexo oposto. Este desejo se acompanha em geral de um sentimento de mal-estar ou de inadaptação por referência a seu próprio sexo anatômico e do desejo de submeter-se a uma intervenção cirúrgica ou a um tratamento hormonal a fim de tornar seu corpo tão conforme quanto possível ao sexo desejado (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1994).

O fato de a disforia de gênero estar classificada como doença segundo a OMS gera uma série de conflitos intelectuais entre a medicina e as ciências humanas. A patologização da transexualidade origina diversos questionamentos em torno dos efeitos que ela exerce sobre a psique humana. A classificação deveras específica resulta em um diagnóstico insensível e objetivo, abrangendo apenas os indivíduos classificados como transexuais dentro da análise médica, ou seja, apenas os que anseiam por todas as mudanças corporais, readequação do órgão genital e tratamento de hormônios (AMENDOLA, 2013).

O autor nos mostra que tal classificação coloca o Estado em uma condição de poder e o exime de determinadas responsabilidades simultaneamente. Posto que a pessoa transexual está submissa às ordens e autorizações do discurso médico a fim de ser elegível para qualquer tratamento disponibilizado pelo serviço de saúde pública em relação ao seu corpo e mente. Enquanto, concomitantemente, o Estado é desobrigado de oferecer qualquer tratamento para quaisquer outras categorias inseridas na transgeneridade.

²⁶ O sufixo “ismo” denota uma patologia, e parte do contraponto das ciências sociais que assumem o sufixo “ade” e reivindicam a desestigmatização da palavra. O uso da palavra entre aspas vem em forma de crítica à patologização e é amplamente utilizada entre autores das ciências sociais e estudiosos do tema.

²⁷ A versão mais recente é a CID 10, lançada em maio de 1990. Uma nova versão revisada, a CID 11, está com o lançamento previsto para 2019.

Outro ponto relevante é a relação de poder que se cria entre o médico e o paciente transexual, que não está ali para fornecer um diagnóstico e sim, ser convencido de que o diagnóstico é legítimo. Dias (2014) explica tal relação de forma pedagógica:

Essa relação médico-paciente, no transexualismo, já nasce enviesada. [...]. Quando eu apresento sintomas desconhecidos, vou a um médico para saber o que tenho. Para que eu seja corretamente diagnosticada, é preciso que se firme uma relação de verdade com meu médico, em que apresento os sintomas e ele elabora meu diagnóstico. No caso da transexualidade, a situação se inverte: o paciente já se sente transexual, muitas vezes se sente transexual desde muito jovem. Ele vai ao médico para ter acesso ao resultado do diagnóstico, isto é, a cirurgia, e não buscando um diagnóstico desconhecido. Ele não vai ao médico para saber o que tem, vai para que o saber médico acredite no que ele tem e, a partir disso, permita sua cirurgia (DIAS, 2014, p. 14).

Dias (2014, p. 15), prossegue escrevendo que dentro da medicina, o “transexualismo” já surge como patológico, elucidando ainda sobre os efeitos do ciclo vicioso criado entre médico e paciente, no qual, o paciente conta “*o que ele acha que o médico precisa ouvir*”, conseqüentemente, o médico escutará sempre histórias similares, confirmando assim, diagnósticos artificiais e tornando o diagnóstico em algo inerte, sem a subjetividade de cada história em particular.

A presença dessa sentença ao sofrimento é o que torna a pessoa, em termos médicos, um ser transexual. Ao mesmo tempo, é o sofrimento que assegura seus direitos no âmbito da saúde, e não, “sua própria cidadania, sua autonomia, seu direito ao livre-desenvolvimento da personalidade” (DIAS, 2014, p. 15).

Em 18 de junho de 2018, a Organização Mundial da Saúde anunciou que irá apresentar uma nova classificação, a CID-11, prevista para ser lançada oficialmente em maio de 2019, entrando em vigor em janeiro de 2022. O “transexualismo” foi retirado da lista de doenças mentais, sendo renomeado como incongruência de gênero, e indo para a lista de condições relacionadas à saúde sexual. O mesmo processo aconteceu com a homossexualidade em classificações anteriores, ajudando a reduzir os estigmas²⁸.

4.5. A marginalização dos “desviantes”

Grande parte dos padrões socioculturais relacionados aos gêneros e à sexualidade são vestígios da influência da tradição judaico-cristã muito forte no Brasil e trazem uma visão

²⁸ <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2018/06/oms-tira-transexualidade-de-nova-versao-de-lista-de-doencas-mentais.shtml>>

bastante resumida do sexo, como defende Ceccarelli (2000). O sexo nessa visão redutora do cristianismo era abreviado à procriação e hostiliza o prazer da carne.

A subversão dos valores considerados morais pela tradição judaico-cristã predominante no nosso país acaba por criar determinados grupos marginalizados. Os movimentos de contracultura em torno do sexo, da sexualidade e da transgressão de gênero são alguns dos mais comuns.

Quando tratamos de grupos marginalizados na sociedade brasileira, podemos elencar diversas minorias que são apagadas dentro do convívio diário, o que não significa que essas minorias deixam de existir. Castel (2006) trata a pobreza econômica como a base de grande parte das situações de vulnerabilidade e marginalidade. Já Bursztyn (2003) escreve que a história da civilização humana é acompanhada pela existência das desigualdades sociais desde, quase, seu primórdio. O autor complementa que a exclusão se manifesta quando o Estado não é eficaz em proporcionar estratégias de proteção social que sejam amplas e universais, causando forte impacto na dimensão social e na esfera da sobrevivência dos excluídos.

É possível afirmar que, além das marginalidades criadas pela miséria econômica, somos capazes de identificar marginalizações criadas sobre tudo aquilo que difere de determinados padrões socioculturais. Cada sociedade possui padrões sociais pré-estabelecidos para os gêneros e as sexualidades e quando um ou mais grupos de pessoas não atendem aos pré-requisitos, são automaticamente marginalizados pelo preconceito daqueles que atendem.

5. PROSTITUIÇÃO COMO PROFISSÃO

Foi nos tempos primordiais, na antiguidade pré-histórica em que surgiram as primeiras figuras que vieram prostituir seus corpos. Numa época na qual a sociedade era matriarcal e ainda fortemente ligada à existência da mulher como uma encarnação divina na terra. A partir daí ela foi perpassando gerações e sendo absorvida por diferentes contextos sociais, como na Grécia Antiga, o Império Romano, a Idade Média, a Idade Moderna, chegando à Idade Contemporânea e estando na trama do tecido social até os dias atuais (REBOLHO, 2015).

Simili (2012) nos mostra a figura da prostituta como contraponto da mulher ideal e classifica as casas de prostituição como um ambiente onde a figura masculina pode desfrutar do seu lazer e exercer seu lado sexual. A autora também caracteriza dentro das casas de prostituição a presença da sedução e do erotismo que são passados pela imagem das roupas, adereços e calçados que a prostituta usa. A autora corrobora com o conceito social que já temos de que a prostituição é um serviço disponível ao bel-prazer do cliente, nesse caso, o homem.

A percepção de Simmel (2008) traz a visão dessa mulher sedutora e sensual. Tal sedução faz parte do conceito de feminino enigmático dele:

[...] o dualismo integral da coqueteria²⁹ não encerra contradição alguma com essa unidade e decisão da mulher — enquanto tipo —, com essa unidade com que a mulher, na questão erótica, muito mais do que o homem, se coloca perante um tudo ou nada — onde o ‘tudo’, por sua vez, se não restringe à sua significação externa. O dualismo da coqueteria não só não contradiz, mas em última e suprema instância simboliza essa unidade e o modo como ela se manifesta (SIMMEL, 2008, p. 82).

A prostituição é apresentada como uma atividade ampla, especialmente por não promover barreiras intelectuais, físicas ou financeiras. Não há pré-requisito para praticar a prostituição e tudo o que se precisa saber, é facilmente aprendido nas ruas com a prática e a convivência diária (FERREIRA; PEREIRA; AMARAL, 2015).

Rago (1985, p. 89-90) nos descreve a visão social sobre a prostituta, escrevendo que a chamada por ela de “mulher pública” vive em função do próprio prazer e satisfação de seus desejos sexuais. Se fazendo existente no avesso da “mulher honesta”, dona do lar, maternal, fiel, detentora de pureza e repleta de pudores, temos assim, na prostituta, a antítese da mulher tida como honesta. Dentro desta percepção a prostituta “simboliza a negação de

²⁹ A coqueteria de Simmel (2008) se trata de uma prática de sedução usada por mulheres coquetes. Podendo manter-se apenas como um jogo e não necessariamente consumando o ato.

valores dominantes, ‘pária da sociedade’ que ameaça subverter a boa ordem do mundo masculino”. Sobre as causas da prostituição,

Baseado em um discurso médico tendencioso, a França desenvolveu um sistema de regulamentação do mercado sexual no início do século XX, inclusive replicado no Brasil. Na tentativa de institucionalizar e higienizar a atividade, os bordéis deveriam ser registrados na polícia e controlados pela vigilância sanitária. Assim, foi afirmado que “o ideal da puta para os regulamentaristas é a mulher recatada e dessexualizada, que cumpre seus deveres profissionais, mas sem sentir prazer e sem gostar de sua atividade sexual” (RAGO, 1985, p. 92). Deixando evidente que o foco do projeto de regulamentação não eram a higiene e a saúde coletiva, mas a castração dos — possíveis — prazeres sexuais das mulheres.

O confinamento das prostitutas em determinados espaços era um dos primados do processo regulamentarista, afastando a existência daqueles indivíduos de outros ambientes urbanos. A presença das prostitutas sempre em territórios demarcados tem o mesmo caráter de confinamento, e é dessa forma que vão se formando os pontos de prostituição. Aqui, já não há mais a necessidade desse espaço ser um edifício, a rua também o serve. Dessa forma, os diversos espaços sociais onde acontecem a prostituição são os delimitadores para as garotas de programa e aqueles que vão à procura dos serviços delas.

A identificação da prostituta é parte essencial da atividade da prostituição. É a partir da oferta aparente que o contrato é firmado e o ato consumado. Cidreira (2010) trata sobre identidade e identificação, escrevendo que:

O processo de identificação social é uma das estruturas mais normais, e que preside, em geral, a toda agregação social, é a condição mesma da cultura. Identificação esta que se exerce de forma discreta, expandindo-se e contaminando lentamente as práticas banais do cotidiano que servem de cimento ao corpo social (CIDREIRA, 2010, p. 236).

Dentro dos processos de identificação que ocorrem socialmente, inclusive na identificação da garota de programa, a roupa detém um papel relevante. Tanto por sua função na construção das identidades múltiplas como na identificação de cada uma. Assim, a vestimenta é capaz de comunicar infinitos demarcadores sociais, que vão sendo interpretados e hierarquizados de forma espontânea por cada sujeito presente naquela sociedade.

Acerca dos demarcadores sociais presentes na roupa, Mota (2008, p. 23) expressa que “o sujeito se insere num contexto marcado por reviravoltas contínuas, que impactam de modo torná-lo um sujeito possível, processual, com identidades abertas”. Já os escritos de Brandini (2007) servem de complemento para o que foi pensado pela autora supracitada:

Para além de simples vestimenta, o sistema da moda serve à função de expressão e representação das relações sociais entre indivíduos culturais, políticas, manifestações que tomam a urbe como o espaço da experiência. Desta forma, o estilo de roupa passa a representar hierarquias, relações de poder, status, posições assumidas e partilhadas nos territórios reais, virtuais e imaginários da rua (BRANDINI, 2007, p. 25).

A partir das citações apresentadas, é possível entendermos a importância que a vestimenta exerce na caracterização identitária de determinado indivíduo perante a sociedade. Fazendo uma relação entre os escritos, fica clara a influência transgressora que as roupas insinuam sobre a formação da identidade da prostituta, já que é exatamente a roupa que abriga uma função distintiva entre as pessoas e é capaz de evidenciar todas as diferenças entre camadas sociais. Logo, as classes sociais usam a moda como mecanismo para se sobreporem umas às outras. Classes superiores recorrem à constante inovação, para assegurar o distanciamento social em relação às classes inferiores (CIDREIRA, 2001).

5.1. Entre o cine pornô e a rua

Quando se pensa em prostituição, a primeira imagem que vem à mente é, provavelmente, a de uma mulher com corpo escultural, cabelo bem cuidado e vestes curtas, parada em algum ponto escuro, porém não tanto — afinal ela deve ser vista —, à espera de seus eventuais clientes.

Por mais que essa visão caricata não seja de fato falsa, ela não compreende as diferentes instâncias nas quais a prostituição se persevera e dissemina. Para Moreira (2009), é o local onde a prostituta está que a difere dentro das categorias criadas por ele. Ele infere que o local onde a prostituta está à espera de sua clientela, está diretamente ligado ao preço que será cobrado por seus serviços, além de definir a origem social e econômica que terão os seus clientes.

O autor classifica os tipos de prostitutas em seis categorias a partir de seus locais de trabalho, cada uma com suas respectivas características que definem a aparência, o preço cobrado pelo programa e a posição social da sua clientela. São elas: a prostituta de estrada, a de rua, a de bar, a de bordel, a que presta serviços por telefone e/ou internet e a prostituta de luxo:

- A **prostituta de estrada** – é aquela que atende longe do perímetro urbano, em lugares menores e mais afastados, sua clientela é formada principalmente por homens que

estão distantes de seus lares e esposas, como os caminhoneiros. Não dispõe de posses econômicas, harmonia estética nem modos polidos. Seu cliente é igualmente desfavorecido. Seus serviços são baratos e essa prostituta está altamente suscetível à violência.

- A **prostituta de rua** – se encontra dentro do ambiente urbano e em local público, como a rua e as esquinas, que funcionam como vitrines para que os clientes escolham. Quando escolhida, pode atender em lugares diversos como quartos de motel, o carro do cliente, algum local público com pouca iluminação, entre outros. Os preços também são modestos e a clientela pertence às classes baixas da sociedade.

- A **prostituta de bar** – está localizada em locais de consumo de bebidas alcóolicas de baixa classe. Geralmente, já trabalha em bares como garçoneiro e a atividade da prostituição vem como complemento de renda. A higiene é melhor do que a das anteriores, mas não significa sua aparência e higiene são prioridades. A diferença notável é que essas moças não ficam em um ponto se exibindo na espera de conquistar um cliente. A atitude da conquista e do convencimento parte do homem que deseja seus serviços, quando a leva para um quarto e lá, mantém suas relações.

- A **prostituta de bordel** – é aquela que atende seus clientes em bordéis, que são espécies de pensão, onde além de trabalhar, ela reside. Nas noites, todas as prostitutas do bordel vão para o salão principal do bordel e ficam à mostra e à disposição dos clientes que vão sendo acolhidos na casa. Quando há a aceitação do convite por parte da prostituta, ela leva o respectivo cliente para um quarto privado. Por ter uma organização melhor e o ambiente do bordel ser um dos mais respeitados entre todos os citados, oferece uma segurança maior para as mulheres que ali trabalham. Em compensação, o lucro é dividido com o proprietário do bordel, o cafetão ou cafetina.

- A **prostituição por telefone e/ou internet** – foca especialmente na fala, e algumas vezes na exibição, tendo em vista a distância física entre as partes envolvidas. Algumas dessas mulheres além de excitar seu cliente durante a ligação, também marcam encontros presenciais.

- A **prostituta de luxo** – vem a ser o contraponto da prostituta de estrada, pois está no topo da pirâmide da prostituição oposta à posição inferiorizada da outra. Os preços pagos pelos seus serviços são bem mais altos e sua clientela é detentora de dinheiro e influência. Mesmo sendo uma garota de programa, ela não gosta de ser vista e tratada como vulgar. É comum essa mulher ser mais polida e instruída. A discrição é outra característica diferenciadora, tanto a fim de manter sua posição como a integridade moral de seus clientes.

A partir da visão trazida apresentada por Moreira (2009), é possível perceber que as categorias não servem apenas para delimitar, mas que estão diretamente atreladas às características físicas, o local onde a prostituta se encontra e o valor a ser cobrado pelo serviço. Sendo que a convergência entre estes aspectos afeta diretamente o público que vai servir de clientela.

O autor explicita ainda que, dentro do fenômeno social que é a prostituição, também existem os diferentes papéis exercidos por cada personagem. Complementando o papel da prostituta, existe o cliente, que ele categoriza em dois grandes grupos: os clássicos, jovens e/ou solteirões e os que sofrem de alguma frustração na vida sexual ou matrimonial, tratando a prostituição como solução paliativa, do seu problema. A classe social e a situação econômica do cliente tendem a influenciar diretamente no tipo de prostituição que ele consome. É importante notar aqui que a visão do pagante determina a utilização de preservativos, muitos percebem a prostituta apenas como “receptáculo de espermatozoides” e, por isso, ignoram o uso da camisinha.

Outros tipos de espaços privados acabam por servir como pontos de encontro entre a prostituta e o cliente, sendo um deles o cine pornô. A premissa desse tipo de local é exibir filmes eróticos, em especial para o público masculino. Também vende bebidas alcoólicas e muitos possuem quartos privativos, onde acontecem práticas sexuais. Cenas de masturbação e sexo oral entre os clientes são comuns durante a exibição dos filmes, e muitas prostitutas transgênero vão em tais cines atrás de clientes.

A inserção da mulher transgênero neste cenário se deu em outra época e contexto. No início do século XX, já era comum ver modelos travestis estampando revistas. O cinema ainda era local de lazer familiar e muitos cinemas acabavam por ser também teatro. Assim, as travestis foram inseridas como artistas que iam exibir suas performances. Já na década de 1980, com a amplificação do gênero cinematográfico pornográfico e a especialização de muitas salas voltadas para este gênero, o ambiente antes familiar passou a ser masculino adulto, e as travestis artistas foram dando lugar para aquelas que ofereciam serviços sexuais aos homens frequentadores (VALE, 2006).

O autor defende que a ida da travesti prostituta para dentro dos cines pornôs se deu por conta dos preconceitos enfrentados, tanto no convívio familiar quanto em ambientes sociais, elucidando que “Desempregadas e discriminadas [...], as travestis encontraram no convívio do cinema a possibilidade de trabalho” (VALE, 2006, p. 172).

Assim, percebemos que é na rua e em lugares marginalizados de sexualidades periféricas, como o cine pornô, que nossas prostitutas transgênero — sejam travestis ou transexuais — conquistam seus espaços de trabalho.

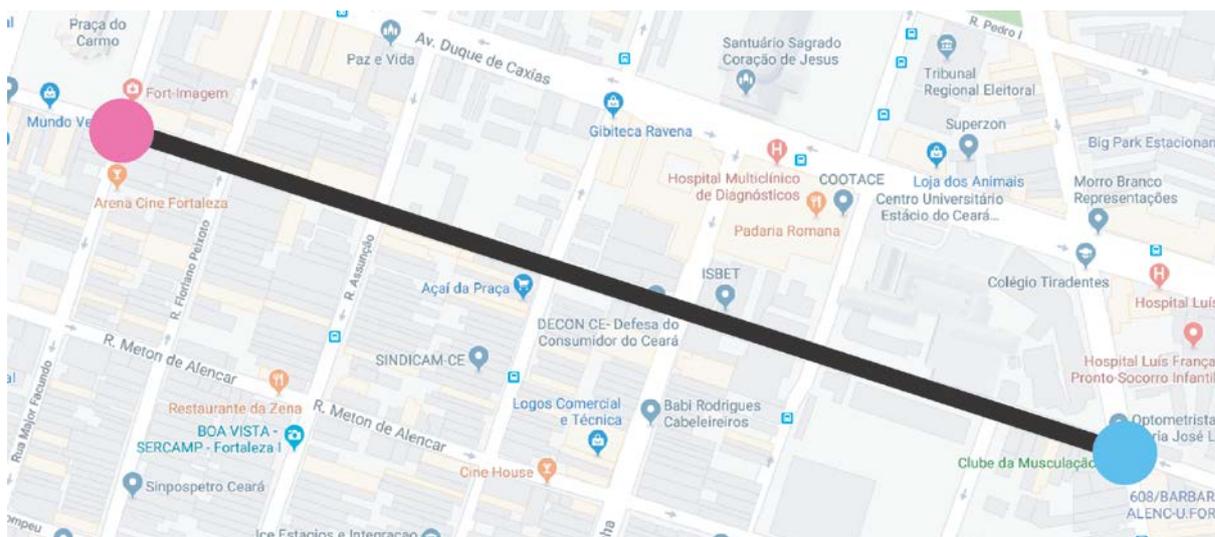
6. A EXPRESSÃO DE IDENTIDADE A PARTIR DO VESTUÁRIO DA MULHER TRANSGÊNERO PROSTITUTA EM FORTALEZA

O presente estudo tem como objetivo geral compreender como prostitutas transgênero do Centro de Fortaleza se apropriam da moda para construir a sua identidade. Tendo sua coleta de dados realizada por meio de entrevistas semiestruturadas presenciais, além da observação na vida real³⁰.

As entrevistas presenciais foram realizadas com seis mulheres transgênero que se prostituem ao longo da Rua Clarindo de Queiroz, no centro de Fortaleza. As entrevistadas foram selecionadas a partir do cumprimento de três requisitos: *i)* Performarem feminilidade; *ii)* Serem mulheres transgênero e *iii)* Que se prostituam. A fim das informações coletadas serem divulgadas neste trabalho, foi elaborado um termo de consentimento (Apêndice A), para as informantes assegurarem ciência de que todos os dados coletados seriam utilizados unicamente para fins acadêmicos.

A área de abrangência do trabalho foi selecionada a partir da observação do autor, notando que a maior movimentação da noite sexual na Rua Clarindo de Queiroz ocorre espalhada entre os cruzamentos dela com a Avenida Visconde do Rio Branco e com a Rua Major Facundo.

Figura 8 – Mapa da área física de abrangência do trabalho



Fonte: Elaborada pelo autor³¹

³⁰ A observação na vida real é feita em ambientes reais, não controlados, com registro dos dados à medida em que eles ocorrem espontaneamente (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 105).

³¹ Figura criada a partir dos mapas da Google disponíveis na internet. Recortada e editada para melhor entendimento do espaço físico que o trabalho abrangeu.

A Figura 8 apresentada anteriormente mostra o mapa de parte do bairro Centro. O ponto colorido azul denota o início da Rua Clarindo de Queiroz, assim como do espaço físico de abrangência do trabalho, presente no cruzamento entre ela e a Avenida Visconde do Rio Branco. Já o ponto colorido rosa indica o fim da área de abrangência, que corresponde ao cruzamento da mesma rua com a Rua Major Facundo.

O trecho selecionado percorre seis quarteirões, equivalentes à extensão de 600m. Além da presença dos pontos de prostituição de garotas de programa transgênero, que são o foco do trabalho, o espaço mostrado na figura abriga diversos pontos que fazem parte do *mise en scène* sexual da noite do Centro de Fortaleza, tal quais, cines pornô, prostíbulo, saunas e motéis. Fazendo com que não somente a Rua Clarindo de Queiroz, como seus entornos, fiquem repletos de pessoas à procura de atividades sexuais.

É importante evidenciar que a movimentação diurna do Centro é bem oposta da sua movimentação após o escurecer. Ainda que diversos estabelecimentos voltados para práticas sexuais fiquem abertos durante o dia, eles acabam se dispersando entre toda a agitação de pessoas que trabalham, residem e compram em lojas dos produtos mais variados possíveis que dominam o território do bairro.

O Centro faz morada para escolas, faculdades, bancos, praças, lojas, parques, museus, livrarias, mercados, feiras, restaurantes, cafeterias, padarias, teatros, cinemas, centros culturais, igrejas, templos e salões de diferentes religiões, entre outras sortes de estabelecimentos. Contudo, ao fim da tarde, a maioria desses ambientes comerciais fecha as portas e o bairro fica quase que totalmente deserto, salientando a presença dos espaços sexuais.

O guia de entrevista (Apêndice B) é composto por quatorze perguntas, que serviu de base para a entrevista semiestruturada proposta na metodologia. A primeira pergunta serve para estabelecer um perfil de identificação da entrevistada. As treze perguntas restantes foram divididas em três seções: Gênero; Prostituição e Moda/Vestuário/Identidade. As quantidades de perguntas por seção foram formadas aleatoriamente.

As perguntas procuram abordar os objetivos específicos do trabalho, tais quais: entender como as mulheres entrevistadas apropriam-se de signos de moda para suas formações de identidade, interpretando a presença do vestuário no seu contexto social como elemento identificador de gênero, além de caracterizar a prostituição de rua e sua presença na cidade e compreender de que forma essas prostitutas se percebem enquanto inseridas no contexto social.

Como explicitado no capítulo metodológico, ocorreram cinco visitas entre os dias 05 de maio de 2018 e 12 de junho de 2018, sempre no período da noite, porém sem horário definido. Parte dessas visitas serviu para a aproximação entre o pesquisador e o campo, além de proporcionarem o primeiro contato com dez pessoas que se enquadravam nos requisitos citados anteriormente.

Dentre todas as dez prostitutas transgênero abordadas, um total de seis pessoas foram entrevistadas em duas ocasiões diferentes, nas datas 30 de maio de 2018 e 12 de junho de 2018. Tendo sido escolhidas a partir da amostragem por acessibilidade, na qual o “pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que esses possam de alguma forma, representar o universo” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 98). As entrevistas tiveram seus áudios gravados pelo aparelho celular do autor. Nessas duas visitas, foram produzidas imagens das entrevistadas e do local, também foram pedidas fotos do acervo pessoal delas por meio da *internet*.

Em primeira instância, houve certa resistência por parte das mulheres abordadas, tanto por desinteresse, como por não ver importância no trabalho. Afirmavam estar ocupadas naquele momento, e que minha presença ali era suficiente para afastar os possíveis clientes. Nas visitas seguintes, já se mostraram mais abertas e curiosas acerca do projeto, concordando responderem os questionamentos da entrevista, caso ela fosse aplicada via *internet*, por meio de áudios de determinado aplicativo de mensagens.

Contudo, ao tentar contato por meio do aplicativo mencionado, não obtive sucesso, sendo constantemente desatendido. A única que se mostrou deveras interessada foi Camilla (35 anos), que mesmo não desejando ser entrevistada naquele primeiro momento, concordou em marcar uma data específica. A data escolhida foi 30 de maio de 2018, quando de fato a entrevista foi realizada. Valendo-me da presença física no local, abordei novamente as mulheres com quem havia entrado em contato anteriormente e estavam presentes, que se desfizeram da hesitação e aceitaram o pedido. Foram elas Arielly (17 anos), Jamile (20 anos) e Lucikelly (18 anos).

Após a data citada anteriormente, houve a quinta e última visita ao campo, no dia 12 de junho de 2018. Nesta data, reencontrei duas pessoas com quem já havia entrado em contato anteriormente, porém sem êxito. Na data mencionada, mais duas entrevistas se sucederam, nas quais as informantes foram Pricylla (20 anos) e Beatriz (27 anos).

A questão um estabeleceu o perfil de cada informante, envolvendo idade, escolaridade, onde e com quem reside e sua renda mensal. Entre as entrevistadas, as idades apresentadas foram as seguintes: 17, 18, 20, 27 e 35 anos. Uma informante relatou ter

estudado até o 7º ano do ensino fundamental, duas delas afirmaram ter completado até o 9º ano do ensino fundamental, outra informou ter finalizado até o 1º ano do ensino médio e duas disseram ter completado o ensino médio.

Das moradias, uma das entrevistadas disse residir no município de Maracanaú³², com os pais; a informante seguinte afirmou morar com quinze amigas na cidade de Natal³³ e estar em Fortaleza por um breve período a trabalho; outra disse nunca passar muito tempo numa mesma cidade e que se muda a cada trimestre; três informantes relataram morar no Centro de Fortaleza, aonde uma delas mora sozinha e a outra divide a residência com uma amiga. Já as rendas mensais informadas variaram entre R\$ 1.200 e R\$ 3.500.

A pergunta dois questionava qual gênero a informante se identifica. Todas responderam se identificar com o gênero feminino, porém em diferentes instâncias. Duas delas afirmaram se identificar apenas como mulher, reforçando não se perceberem em outras categorizações (como travesti ou transexual). Outras três se disseram mulheres transexuais³⁴. Já uma das entrevistadas afirmou se identificar como travesti³⁵, ressaltando não haver o desejo de ser uma mulher.

Sou travesti. [Mulher não?] Não. Nem pretendo ser e nem quero ser (Camilla, 35 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

A percepção de Camilla sobre si — quando afirma se identificar como do gênero feminino, mas não como mulher e sim como travesti — está prevista dentro do pensamento de Couto, E. (1999, p. 22) que descreve a travestilidade como “o porte deliberado de roupas e acessórios culturalmente consagrados ao sexo oposto [...] como forma de pertencer publicamente ao outro gênero”. Temos também a visão de Jesus (2012, p. 18), que defende que mesmo tendo a vivência social do gênero feminino, a travesti não se reconhece como homem ou mulher, mas como sendo de um terceiro gênero não incluso no binarismo.

Na mesma questão, a entrevistada Arielly se identificou inicialmente apenas como mulher, em seguida, complementando que se enxerga também como mulher trans, como transcrito a seguir:

³² Município localizado na Região Metropolitana de Fortaleza, a 24km da capital. Conhecido por ser um grande polo industrial do estado do Ceará.

³³ Capital do estado do Rio Grande do Norte, a 525km de Fortaleza.

³⁴ Pessoa classificada como homem ao nascer, contudo que não se identifica ou cumpre os papéis sociais pressupostos do gênero masculino, cumprindo assim, um papel de identidade feminina.

³⁵ Indivíduo caracterizado como homem ao nascer, mas assume aparência e comportamentos femininos por tempo indeterminado, assumindo apenas a sua identidade feminina.

Eu me identifico com o gênero feminino. Eu sou feminina... Mulher. [...] Bom, eu me identifico como mulher trans, porque... apesar que mulher, eu ainda não sou, mas pretendo ser (Arielly, 17 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

Sobre essa diferenciação que fez entre ser mulher e mulher transgênero, respondeu:

Bom, mulher eu sou, né, no meu ponto de vista. Mas aos olhos das pessoas, eu não sou. Como você sabe: existe muito preconceito (Arielly, 17 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

Quando questionadas sobre como foi a descoberta do gênero afirmado na questão anterior por cada uma, todas confessaram ter se sentido dessa forma desde quando crianças. Ou seja, desde infantes, já se aproximavam e queriam cumprir os papéis sociais mais associados ao gênero feminino.

Foi normal (riso). Normal... É, quando criança eu já sabia que eu era mulher já. Eu já tava no corpo errado (risos) (Jamile, 20 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

Ai, desde criança, eu acho que minha vontade sempre foi essa, de... de... de fazer o que eu faço hoje, [...] de ser quem eu sou (Camilla, 35 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

Sempre, sempre fui, desde os meu 9 [anos]... desde, desde a hora que eu nasci (Lucikelly, 18 anos. Entrevistadas em 30 de maio de 2018).

Mulher, assim, eu sempre fui, só que nunca contei pra ninguém... entendeu? Nunca tive aquela coragem de chegar e falar, entendeu? Porque, na minha cabeça, eu tinha medo do que os outros iam pensar. Só que chegou um certo dia que eu disse: 'Eu vou falar o que eu realmente sou. Não vou mais me esconder'. E aí foi isso, falei. (Arielly, 17 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

Como visto anteriormente, todas afirmaram que desde cedo, especialmente na infância, se sentiram pertencentes ao gênero feminino. Falas que corroboram com o que foi escrito por Sayão (2006, p. 5) quando ela explicita que não é necessariamente a diferença sexual, neste caso a genitália, que define o gênero de cada indivíduo, mas são as formas como ele observa as diferenças entre os gêneros durante a sua existência. Isto é algo que ocorre em diferentes instâncias, tanto nas suas interações com outros indivíduos sociais, como no acesso a produtos culturais diversos. A autora deixa claro que essas demarcações de gênero acontecem na infância, e são essenciais para o processo de formação da identidade de gênero de cada pessoa.

A questão a seguir procurava saber como se deu o processo de mudanças corporais a fim de se tornarem mais femininas, e se haviam realizado qualquer cirurgia neste processo.

Ah, pra mim foi ótimo, foi maravilhoso. Cada dia me descobrindo cada vez mais, me sentindo melhor ainda... pra mim mesmo, não pros outros. [...] Mudar de repente? 16 anos, 17. Mudei mesmo, radical. [...] Eu fiz silicone, botei silicone (Camilla, 35 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

Bom, cirurgia eu não realizei. Mas, assim que eu comecei, eu quis logo me hormonizar, entendeu? (Arielly, 17 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

Eu comecei com 14 anos, eu comecei a me vestir como mulher. Aí, quanto mais eu me via feminina, mais eu queria ficar feminina. [...] É, ter o cabelão, vestir roupa de mulher, se parecer bastante com uma mulher. Toda vez que me olho no espelho assim, que eu me vejo... parecida com uma mulher, eu quero mais. [Já realizou alguma cirurgia?] Ainda não, tenho vontade, mas ainda não (Jamile, 20 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

Sobre as mudanças corporais e a feminização do corpo, Pelúcio (2011, p. 132-133) defende que “para que o gênero seja ‘inteligível’ é necessário atuar sobre o corpo, desconstruindo o masculino, e reconstruindo esse corpo a partir de símbolos do feminino”. A autora ainda discorre sobre o *modus operandi* da travesti — que compartilha múltiplas semelhanças com o da transexual — no que chama de “fabricação do corpo ‘de mulher’”, dizendo que a primeira mudança é a adoção de um novo nome, representativo daquela figura feminina, seguido pela ingestão de hormônios femininos encontrados em farmácias, mesmo sem recomendação médica, inclusive chegando a injetar silicone líquido no próprio corpo. As mais velhas se tornam mães/madrinhas das mais novas, auxiliando-as com todas as informações sobre o processo, de acordo com suas próprias experiências (PELÚCIO, 2011).

O’Dwyer (2016, p. 39) também fala sobre a aspiração de possuir um corpo percebido socialmente como feminino e que por diversas vezes existe um certo sentimento de aversão à própria figura, o que justifica a busca por outra construção de si. Em sua definição, o corpo atua como dual, “ora como fonte de frustrações que levam ao processo de feminização; ora de forma positivada como *locus* favorável às transformações desejadas”. As modificações corporais servem para fazer com que seus corpos entrem em consonância com o que pensam, sentem e desejam. Assim, há a recusa de signos lidos socialmente como masculinos e o anseio pela formação da imagem feminina, em consonância com suas mentes.

A pergunta cinco buscava descobrir se na percepção das entrevistadas, outras pessoas as reconheciam como mulheres. Nesta, as repostas foram bastante divergentes entre si: uma afirmou que são alguns poucos que a reconhecem, outra entrevistada disse que muitas

peças a veem como mulher, a terceira comentou que não, e afirmou que a razão para tal é o preconceito. Camilla enfatizou que sente que não a reconhecem como mulher, e quando questionada sobre como a reconhecem, disse:

Sei nem te dizer o co... o como... acham que a gente é uma coisa qualquer, uma coisa diferente, né, só isso (Camilla, 35 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

A questão da percepção alheia em relação ao corpo da mulher transgênero fica clara nos escritos de Cidreira (2005) quando ela diz que as interferências corporais são legitimadas pelo indivíduo que passa pelas transformações, entretanto não tais interferências não deixam de passar pelo crivo dos outros membros da sociedade, que podem vir a aceitar ou recusar aquelas transformações como válidas. Como consequência da rejeição — a opção mais comum —, é gerado o ser desviante, que “é logo rotulado de diferente, de estrangeiro, de marginal” (CIDREIRA, 2005, p. 12).

Perguntei à Camilla o que era ser mulher e o que era ser travesti na sua visão. Ela respondeu e destacou a diferença entre os dois pontos a seguir:

Pra mim, ser mulher, ela é... é... dar continuidade a gerações e gerações de pessoas. [...] Pra mim, ser travesti... eu não sei nem te dizer o que, porque pra mim ser travesti... é uma realização... pra mim é uma realização de ser o que eu queria ser sempre, o que eu sou hoje. É gostar de fazer aquilo que eu gosto. Não entendo o porquê. [...] Nós realizamos as fantasias dos homens, na realidade é essa: nós travestis realizamos as fantasias dos homens. As mulheres não realizam. Vejo nessa concepção (Camilla, 35 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

A primeira questão da seção Prostituição investigava há quanto tempo elas trabalhavam na prostituição. Quatro informantes declararam estarem se prostituindo há um período entre um e dois anos, Beatriz disse trabalhar com isso há doze anos e Camilla relatou fazer programa há mais de dezessete anos.

Já a pergunta sete questionava acerca do real motivo das entrevistadas terem procurado a prostituição como forma de trabalho, e se foi por escolha ou condição. Quatro informaram ter sido por escolha: duas descrevendo como opção pessoal, uma por uma decepção na vida pessoal e outra a convite de uma amiga. Camilla respondeu se utilizando dos dois termos para explicar e Beatriz respondeu como sendo mais uma condição que escolha, relatando o fato de nunca ter conseguido um emprego fixo.

Foi uma escolha e uma condição, os dois termos. Caso, eu comecei... querendo dinheiro. Como meus pais não quiseram me dar, aí eu arranjei o mais... o meio mais fácil, né? Induzida pelas outras, comecei a gostar... entendeu? Achei que fosse o

meio mais fácil, mas não é o meio mais fácil. Com certeza não é [...] (Camilla, 35 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

Porque é difícil, né? Não tem ninguém que queira dar emprego à gente. Querendo ou não tem gente que tem preconceito... Que não dá emprego de jeito nenhum. Já tentei de toda maneira, mas nunca consegui. [Quais empregos tentou?] Ai... de várias firmas. Já mandei carta, mas não chama não. Uma vez eu vi foi uma pessoa rebolando o currículo quando viu meu nome. Hoje tem preconceito ainda (Beatriz, 27 anos. Entrevistada em 12 de junho de 2018).

Sobre as situações dentro dos tecidos sociais com quais as pessoas transgênero se deparam, Carvalho (2006) as trata como problemáticas, explicitando diferentes tipos de preconceito, que partem dos familiares, dos ambientes acadêmicos, das relações afetivas e do meio profissional. Em muitos casos, há o abandono por parte da família a partir do momento que a pessoa se afirma como transgênero. Nesta conjuntura, as transformações corporais e a adoção de signos de feminilidade para as mulheres transgênero acabam por aliená-las do ambiente escolar, bem como do mercado de trabalho.

Ainda aquelas que superam um degrau do preconceito social e se inserem no mercado de trabalho, logo se sentem forçadas à abdicação do trabalho formal por serem tidas como desprezíveis naquele espaço e estarem mais suscetíveis a sofrerem violências diárias, principalmente por assumirem suas construções de identidade de gênero e não se submeterem às lógicas heteronormativas e binárias de gênero (CARRIERI; SOUZA; AGUIAR, 2014). Tais pensamentos nos fazem entender que é o preconceito que leva a grande parte das mulheres transgênero a profissões irregulares e não bem vistas socialmente, tal como explicitado por Beatriz.

A questão a seguir intencionava saber há quanto tempo as entrevistadas trabalham na Rua Clarindo de Queiroz. Camilla afirmou trabalhar lá há dezessete anos, após um breve período se prostituindo em salão, e que encontrou na rua a possibilidade de ganhar mais dinheiro. Enquanto as entrevistadas Jamile e Beatriz declararam ter chegado há poucos dias, tanto na cidade quanto na rua, e uma num período de um ano. Já as duas últimas não souberam especificar.

A primeira pergunta da seção Moda/Vestuário/Identidade inquiria sobre a relação delas com as roupas, se gostavam de moda e questionava o que elas procuravam nas peças de roupa nos momentos de aquisição. Nesta seção discutiram sobre os tipos de roupas que gostavam de usar e seus estilos pessoais. Metade das entrevistadas dissera gostar de moda e acompanhar tendências.

Bom, eu gosto do meu estilo de roupa bem sensual, uma coisa picante que chame bem atenção. [Acompanha moda?] Bastante, porque tudo o que vira moda eu tenho que comprar, senão eu fico doida. [O que procura no momento da compra?] Bom, depende do estilo, entendeu? Do modelo da roupa, se for uma roupa longa e ao mesmo tempo sensual, eu compro, entendeu? (Arielly, 17 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

Com ro... ah, eu gosto de roupa assim, bem vulgar, bem amostrando tudo. (Beatriz, 27 anos. Entrevistada em 12 de junho de 2018).

Acompanho, menino. Eu visto tudo, depende... depende do local e depende da hora. [O que procura no momento da compra?] Menino, a mais puta que tiver (riso) (Lucikelly, 18 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

Ah, me sinto... me sinto maravilhosa a noite inteira, me sinto realizada, me sinto eu... eu. Eu mesma. Não gosto de imitar... não gosto... não quero ser ninguém. Eu quero ser eu. E eu me sinto bem assim. [Acompanha moda?] Não. Eu mesmo... eu mesmo faço a minha moda. Eu mesmo, sabe? Eu... pra mim não importa a moda, eu mesmo vou e faço e pronta (Camilla, 35 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

Svendsen (2010) ao falar de moda escreve que o seu princípio é desenvolver produtos cada vez mais rápido, fazendo com que os outros fiquem obsoletos. Na prática, ela joga um jogo incoerente, no qual nos convence de que determinado produto é substancial, para logo em seguida, mesmo com o produto cumprindo sua funcionalidade, ela nos convença de que ele já não serve mais, tomando um novo produto como essencial, num ciclo vicioso.

Quando Arielly fala da sua necessidade de comprar tudo aquilo que vira moda, confirma o pensamento de Georg Simmel (1998) que traz a moda como autocentrada, criando necessidades para então atendê-las. Das necessidades elencadas por ele vemos que a moda cria “a necessidade da diferença, a tendência à diferenciação, à mudança, à distinção, e, na verdade, tanto no sentido da mudança de seu conteúdo, o qual confere um caráter peculiar à moda de hoje em contraposição à de ontem e à de amanhã” (SIMMEL, p. 160).

Em se tratando de produtos de moda, Oliveira (2013) os trata como objetos adquiridos que são formadores da identidade de um indivíduo e, mesmo com determinadas limitações socioeconômicas, cada indivíduo é socialmente pressionado à escolha de produtos e estilos estéticos que vão construindo suas identidades. A autora exprime que até mesmo aquele que afirma deliberadamente se opor à moda, ainda assim se veste, mesmo que com a mesma roupa dia após dia, portanto, está sob o domínio da moda e suas roupas continuam sendo objetos carregados de simbolismo, que criam comportamentos e expressam identidade. O pensamento da autora se opõe ao que foi dito por Camilla, na qual a entrevistada afirma ter uma identidade própria, na qual ela não segue o que é proposto pela moda e que faz a própria moda.

As falas de Arielly, Beatriz e Lucikelly trazem a exibição do próprio corpo como elemento principal, dizendo preferirem roupas, descritas por elas como “sensuais” e “vulgares”. Schaun e Schwartz (2008) tratam dos contrastes entre a sensualidade e o erotismo, compreende a vulgaridade. Descrevem a sensualidade como o implícito, que não se atém ao exibicionismo, um convite à fantasia, em contraponto ao erotismo, que é o explícito, ligado ao exibicionismo na sua forma mais pura, apelando ao sentido consciente da perfeita clareza do que é mostrado.

Figura 9 – A roupa “vulgar” de Beatriz



Fonte: Acervo pessoal do autor, cedidas pela entrevistada (2018).

A questão onze buscava entender como era a escolha das roupas para as noites de trabalho, caso existiam e quais as diferenças entre as roupas do dia e da noite. Todas as entrevistadas afirmaram que usam roupas diferentes entre os momentos de trabalho e os de descanso, descrevendo brevemente as diferenças.

De dia é mais vestido longo, só uso vestido longo de dia. Pra trabalhar é uma roupa sexy, que chama atenção dos homens. Ah... as minhas roupas... eu acho ela muito extravagante, muito extravagante, né? É... bem... chamativa, é... os homens pira, ficam louco (Beatriz, 27 anos. Entrevistada em 12 de maio de 2018).

Escolher uma roupa pra mim trabalhar? Fácil, se... a mais curta que eu tiver, a mais sexy, a mais sensual... Pra sair na rua tem um tipo de roupa, pra atender um cliente tem um tipo de roupa, pra sair com o cliente também tem outro tipo de roupa, pra vir pra rua também. Quando eu saio com um cliente pra... pra ir pra fora, eu boto uma roupa mais composta, mais longa, cubro mais. Aí boto uma lingerie por baixo e daí tá tudo bem (riso) (Jamile, 20 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

Pro banco eu vou de calça, um cropedezin³⁶, uma jaqueta. De noite é que você vê mais puta, assim... É porque hoje eu vim assim, pois hoje eu quero mais uma coisa mais brega (Lucikelly, 18 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

A autora Mara Rúbia Sant’anna (2007) observa a relação entre o sujeito e a moda, tratando o “sujeito-moda” como manipulador dos signos na construção da sua intangibilidade:

O “sujeito-moda” é tanto o consumidor da última novidade tecnológica, tiete, o fã, como também o sujeito moderno em seu pleno desencaixe, que manipulando as fichas simbólicas, em todas as suas interações com o vivido, estabelece com ele senão uma relação fugidia, efêmera, mas nem por isso menos constituidora de sua subjetividade, um sujeito consumido por todas as formas-moda que o cercam (SANT’ANNA, 2007, p. 89).

As falas das entrevistadas acabam por denotar tanto a questão da extravagância como a importância dos expectadores dela, para Jeudy (2002, p. 110) “todas as extravagâncias são impostas no espaço público, como sinais de revolta contra os tabus”. Já a exibição parte do pressuposto dicotômico da relação entre o que é exposto e quem o vê, na qual o autor defende que há uma relação recíproca entre o exhibir e o ver, identificando uma manifestação de igual atração.

Figura 10 – A roupa “brega” de Lucikelly



Fonte: Acervo pessoal do autor, cedidas pela entrevistada (2018).

³⁶ Em referência ao *top cropped*, peça que consiste em uma mini blusa, com comprimento até a cintura. Pode ser tanto ajustada ao corpo, como larga.

A pergunta seguinte intencionava descobrir quais partes do corpo das informantes elas preferiam realçar e quais preferiam disfarçar. Enquanto todas tinham uma parte preferida para mostrar, três expressaram não ter nenhuma parte em específico que gostariam de esconder.

Ela [a roupa] mostra mais a minha marquinha³⁷ dos meus biquínis, pronto e minha barriga. A barriga... é, a minha barriga, pronto. Ai, a coisa que eu mais gosto de mostrar... por... porque o que eu... se eu for mostrar outra coisa, vai perder a graça, porque lá no motel vai ver o quê? Já tá vendo tudo. [Que partes prefere esconder?] Não... não, não tem problema comigo isso. (Camilla, 35 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

Meu olho. [Que partes prefere esconder?] Meus músculos de homem (riso) (Arielly, 17 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

Tem a minha perna, eu adoro mostrar a minha perna, (riso). [Tem alguma parte que prefere esconder?] Não (Jamile, 20 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

Que eu mais gosto é mais os meus peitos e a minha bunda. [...] Eu não gosto... não, até agora não. Me sinto bem com o corpo que eu tenho (Beatriz, 27 anos. Entrevistada em 12 de junho de 2018).

Meu peito. [Tem alguma parte que prefere esconder?] Minha bunda. [Você tem prótese na bunda?] Tenho silicone. Não é questão de não ter nada na minha bunda, é que eu não gosto de ficar amostrando (Pricylla, 20 anos. Entrevistada em 12 de junho de 2018).

Jeudy (2002) trata que a realidade do corpo pode ou não ser produto da nossa imaginação, explicitando que o poder dele está na importância que damos a essa possível ilusão. Assim, o corpo como objeto está vulnerável a todas as transformações pelas quais o submetemos. Sobre a exibição, ele diz se tratar de sempre de uma sobreoferta, o que causa desprezo pelo que está sendo de fato apresentado e representado, dessa forma, a visão do observador se baseia na infinita ilusão.

Na visão do autor, o corpo “se presta a todas as fantasias que suscitam a atração ou a repulsão. Ele pode ser idealizado como a expressão de uma beleza inacessível e/ou rejeitado como o símbolo que objetiva os sinais da repulsa” (JEUDY, 2002, p. 102). As sensações de atração e/ou repulsa são experienciadas tanto por quem habita aquele corpo, como por quem o vê. Assim, determinadas características vão se posicionando e gerando tais sensações, e permitem a existência das partes do corpo que agradam e atraem e das partes que desagradam e repelem.

³⁷ Resultantes dos processos de bronzeamento da pele.

Figura 11 – As pernas e bumbum de Jamile (à esquerda)



Fonte: Acervo pessoal do autor, cedida pela entrevistada (2018).

A questão treze perguntava sobre quais elementos, na visão delas, as deixavam mais “femininas”. Duas das entrevistadas expressaram que são suas atitudes o que as tornam mais femininas, uma delas também falou sobre partes físicas. Outras três citaram partes em seus corpos que as fazem se sentir mais femininas, como, o rosto — especialmente com maquiagem —, os seios, as nádegas e o cabelo longo. A última entrevistada associou a feminilidade ao processo de hormonização.

A minha atitude... meu cabelo, porque cabelo é a beleza da mulher. [O que você usa para se sentir mais feminina?] Maquiagem, roupa e cinta. Acessório não gosto, nem brinco (Arielly, 17 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

Pode ser do meu corpo? Meu corpo. [...] é, me deixa muito feminina, meu bumbum, (riso) (Jamile, 20 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

Eita, puta. Ter que tomar muito hormônio... Você fica enjoada... Doida com vontade de dar [agredir fisicamente] nos homens... (Lucikelly, 18 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

Mais feminina?... o meu olhar, o meu cabelo, até o meu jeito de ser. Me sinto mais feminina (Beatriz, 27 anos. Entrevistada em 12 de junho de 2018).

Meu rosto. É, minha parte mais feminina é o meu rosto. Sempre gostei de cabelão, também. Um cabelão, um rosto bonito, um peito... acho que isso se torna mais feminina (Pricylla, 20 anos. Entrevistada em 12 de junho de 2018).

A intenção das entrevistadas ao passar pelo processo de transformação corporal foi a de ressignificar a compreensão delas com seus próprios corpos, orientando também a

compreensão dos outros indivíduos sobre tais corpos. Nesse desenvolvimento como um todo, a aparência corporal e, por sua vez, as roupas e os acessórios, vão criando um novo modo de interpretação do sujeito, nesse caso, gerando “feminilidade”. Sobre as adequações do corpo significante, temos:

O corpo, enquanto “matriz de significados sociais” precisa ser moldado por processos que vão da decoração à destruição. **A escolha de um estilo de roupa, dos acessórios**, passando pela sistemática eliminação dos pêlos até as sessões de aplicação de silicone líquido vão dando forma não só ao corpo, mas promovem toda uma mudança no status social daquele indivíduo (PELÚCIO, 2011, p. 136-137, grifo nosso).

No forjar dessa corporalidade feminina, o cabelo assume uma posição de importância, sendo um signo que pode determinar masculinidade ou feminilidade. Assim, fica clara a preferência pelos cabelos longos — o cabelão, como chamado por algumas entrevistadas. Hollander (1996, p. 78) explica isso através de um olhar histórico quando escreve que “o cabelo feminino solto [e comprido] era sempre uma referência especificamente sexual, sinal de descontração emocional, susceptibilidade em relação ao sexo e convite sexual padrão”.

Figura 12 – O “cabelão” de Prycilla



Fonte: Acervo pessoal do autor, cedida pela entrevistada (2018).

Já a questão seguinte abordava as definições de “roupas de mulher”, a partir da percepção das entrevistadas. Três comentaram como sendo roupas mais discretas, menos

vulgar que as usadas nos programas. Uma delas citou algumas peças que para ela a tornavam mais feminina.

Roupa mais comportadas, né? Que não... que não seja tão vulgar, que não fique mostrando certas partes do corpo, né? Como caso peito, bunda... [A roupa da travesti é diferente?] Já é aqueles decote, já é mostrando já a polpa da bunda... já é mostrando a... a sensualidade, né? Mostrando barriga, mostrando... e assim vai (Camilla, 35 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

Ai, roupa de mulher, deixa eu ver... deixa eu explicar. Um shortinho bem curtinho, uma saíinha, um vestido belíssimo, entendeu? (Arielly, 17 anos. Entrevistada em 30 de maio de 2018).

Roupa de mulher pra mim, ai... é tudo. Eu sem roupa de mulher não sou nada, não sou ninguém. Desde de criança que sempre me vesti de roupa de mulher, me entendo como mulher. Desde os meus 15 anos de idade (Beatriz, 27 anos. Entrevistada em 12 de junho de 2018).

Roupas de mulher... ai, menina, eu gosto de me vestir assim durante o dia, me vestir de calça, vestido longo. Não gosto de ser vulgar, sempre gostei de ser mais assim discreta, entendeu? (Pricylla, 20 anos. Entrevistada em 12 de junho de 2018).

Camilla e Pricylla definem roupas “de mulher” como um vestuário mais recatado, sem a vulgaridade de mostrar determinadas partes do corpo, como os seios. São exatamente essas roupas que conquistam o gosto de Pricylla, que diz não gostar da vulgaridade, diferente de Camilla, que coloca as roupas “de mulher” em contraponto às roupas da travesti, reforçando a imagem da sensualidade nesta segunda categoria. O gosto pessoal de Pricylla contraria a preferência da maioria das outras informantes, que foram categóricas em afirmar o gosto pela sensualidade e maior exposição do corpo.

Segundo Crane (2006), a moda enquanto demarcador social de gênero cumpre o papel de manutenção dos símbolos sociais através dos tempos, símbolos que estão em sua essência, ligados à dicotomia predisposta de gênero — homem e mulher. Assim, a vestimenta traz em si, a competência de estabelecer e difundir estereótipos predefinidos aos gêneros binários, como o da mulher completamente passiva e submissa diante da sociedade.

Ainda que a luta das mulheres e os estudos de gênero — colocado neste caso como o estudo da mulher — tenham sido responsáveis por tantas mudanças, a memória do imaginário coletivo vai se mantendo viva e a imagem da mulher como ser submisso e recatado não foi extinguida até o momento. Dessa forma, a fala das entrevistadas revalida os escritos de Crane (2006) acerca da moda — e tudo que nela cabe — como perpetuadora de imagens sociais e estereótipos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frequentemente associamos o gênero a uma ideia dicotômica e predomina na mentalidade popular a concepção de que só existem dois gêneros — homem e mulher —, bem como a hegemonia do masculino sobre o feminino. Ainda que falemos em estudos de gênero, eles se relacionam ao estudo da mulher em si, de uma perspectiva feminista.

Os autores estudados deixam claro que o gênero não é uma categoria completamente inexorável, tratando da multiplicidade dos incontáveis signos engendrados socialmente para determinar o que é masculino e o que feminino. Todos os indivíduos sociais passam pela construção de gênero, sendo capazes absorver ou não os signos que os são apresentados. Ainda que haja uma correlação muito forte no imaginário popular entre a genitália e o gênero, esse elo vem se tornando cada vez mais obsoleto, e o gênero vem sendo defendido mais e mais como edificação.

Somos bombardeados por signos e definições de masculinidade e feminilidade diariamente, no decorrer de toda a nossa existência. Durante a infância de cada sujeito, esse excesso de informações tem uma influencia ainda maior na formação de gênero de cada um. Dessa forma, o gênero vai se estabelecendo de formas variadas, a partir das percepções individuais e da imersão cultural no contexto em que se vive. Esses fragmentos de informação de gênero são vistos, lidos e interpretados de diferentes modos, e podem ser encontrados nas gerações passadas, na televisão, nas revistas, assim como no vestuário.

Foi possível relacionar o papel da moda e sua inserção no contexto cultural, se fazendo um importante demarcador de significados de diversas características pertencente a cada ser social, em especial a performance do gênero edificado ao longo da sua existência. Estamos suscetíveis a interpretar os signos de modos distintos, fazendo com que nossas performances sejam únicas, assim como nossas identidades de gênero.

O trabalho também apresenta definições acerca das transgressões de gênero — em foco, a travestilidade e a transexualidade — que se mostram presentes há bastante tempo na sociedade, em especial na contemporaneidade. Contudo, os conceitos de transgeneridade ainda se mostram muito desconhecidos, por mais que alguns tenham décadas de existência, assim o trabalho supre a lacuna, colaborando com a disseminação do conhecimento. Coletivamente, sabemos da existência de pessoas transgênero, mas há uma polarização muito forte entre aqueles que querem aprofundar os conhecimentos e aqueles, que por ignorância ou preconceito, preferem se afastar.

Por mais que discussões acerca da transgeneridade estejam ganhando cada vez mais espaço no âmbito acadêmico, bem como na sociedade e na mídia, a trajetória ainda é longa. Devemos partir dos princípios da empatia e do respeito, considerando que ainda que categorizemos e criemos definições, estamos tratando de pessoas, seres dotados de subjetividade e identificações próprias. Desta forma se faz de extrema importância que mantenhamos a abstração e a perspectiva pelas identificações e aceções pessoais sobre cada indivíduo sobre si.

O movimento transgênero e o movimento interseccional transfeminista são responsáveis por debates que ampliam as percepções sobre o tema, tendo chegado a espaços importantes e galgando cada vez mais a inclusão desses indivíduos. A importância do indivíduo cisgênero nessa conjuntura é a de escuta ativa, sendo empático e atencioso às experiências únicas dessas pessoas.

A seguir pode-se inferir que a prostituição de rua se constitui como uma das categorias da prática da prostituição que enfrenta mais dificuldades, sendo frequentemente rejeitada e marginalizada por si só. A visão da prostituição como um ofício fácil dificulta ainda mais a valorização dos indivíduos que a praticam como meio de subsistência. Ainda que não concordemos com as práticas sexuais das prostitutas, devemos procurar sempre zelar pela segurança e proteção dos direitos e das escolhas delas. Tal socialização só é possível em a estigmatização que perpetua nos tecidos sociais. Se faz importante denotar que a prostituição se dá especialmente pela exclusão e pelas necessidades financeiras do indivíduo, particularmente entre grupos já esnobados socialmente, como o das mulheres transgênero.

Mesmo que a maioria das entrevistadas tenha associado a atividade da prostituição às escolhas pessoais, não podemos nos enganar diante da obliquidade proporcionada pela invisibilização das mulheres transgênero. Tal cenário de rejeição — podendo ela ser familiar, social, profissional, afetiva — acarreta por muitas vezes em um impasse, tendo a prostituição como única saída. Ainda que defendamos o direito à liberdade nas escolhas das mulheres, elas devem ser exatamente isto, escolhas, e não uma predisposição social.

Foi possível estabelecer a relação entre a bibliografia pesquisada e as falas das entrevistadas, presente no contexto da noite sexual da Rua Clarindo de Queiroz, no Centro de Fortaleza, que relatam os signos de feminilidade que observaram e interpretaram, carregando-os consigo durante todo o processo de construção identitária, trazendo a moda como ponto principal desta construção.

A moda neste contexto se faz presente não apenas no vestuário, mas em todos os signos que transformam a aparência e consolidam a identidade de gênero dessas prostitutas transgênero. Signos tais como o cabelo longo, acessórios, e até mesmo os processos de mudança corporal pelos quais passaram e/ou desejam. Sendo esses processos resultantes da interpretação dos signos de feminilidade que elas almejam alcançar, a fim de externar e exibir o que está intrínseco da identidade de gênero que possuem.

Temos a busca da sensualidade e/ou da vulgaridade como peça bipolar neste quebra-cabeças, que se faz presente tanto por uma questão de expressão de estilo pessoal, bem como voltada para a exibição e a atração do olhar alheio, principalmente, os clientes dos seus atendimentos como prostitutas. A exibição faz parte de todo o cenário construído desse corpo que se torna uma “vitrine”, em que o maior objetivo é vender o serviço que prestam.

Faz-se a identificação e a atribuição de valores às roupas tidas como “de mulher” nos depoimentos das informantes para que se reconheça a moda e o seu papel elaboração das identidades e performances de gênero que estas prostitutas transgênero desempenham. Neste ponto, a moda como conjunto de signos, se mostra não tão somente como o ponto de início da corporalidade feminina forjada por elas, mas também é a estrutura que reforça diariamente a edificação das suas identidades de gênero, da sua profissão, dos seus gostos pessoais. Assim, a presença da moda no contexto dessas mulheres é desmistificada e elaborada.

É a partir dessas conclusões e inferências que o presente trabalho cumpre o proposto no objetivo geral de compreender como prostitutas transgênero do Centro de Fortaleza se apropriam da moda para construir a sua identidade, tendo sua relevância ao suprir a lacuna prevista anteriormente de relacionar conceitos já amplamente abordados academicamente, focando na interseção entre eles. Além de elastecer os conhecimentos acerca de um grupo social bem específico que é tomado como objeto de estudo nesta pesquisa, se fazendo importante na expressão dos indivíduos presentes neste grupo, validando o relato de suas experiências, percepções e construções identitárias dentro do âmbito acadêmico.

A partir das questões desenvolvidas neste trabalho abrem-se portas para outros possíveis desdobramentos deste estudo, como analisar as conjunturas da prostituição de mulheres transgênero através do viés étnico, abordando não apenas a identidade de gênero como no presente estudo, mas aprofundando a questão da identidade racial. Outra possibilidade seria estender a pesquisa para os locais privados da noite sexual do Centro de Fortaleza. Tratar da construção da corporalidade masculina ideal entre homens que se prostituem. Também se faz possível levar a pesquisa para o contexto da prostituição de luxo, em meios mais elitizados que o da rua, focada na escolha do vestuário para ambientes de

maior interação social, como festas e restaurantes. Dentro do âmbito da transgeneridade, enveredar pela direção das performances de outras transgressões de gênero, como *drag queens* e suas escolhas estéticas. Os desdobramentos citados são algumas das possibilidades a serem desenvolvidas no ambiente da pós-graduação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Guilherme. "Homens trans": novos matizes na aquarela das masculinidades?. **Estudos Feministas**, v. 20, n. 2, p. 513-523, 2012.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- AMENDOLA, Maurício. O que mais está em jogo na sociedade para além do código de "transtorno de identidade de gênero" na Classificação Internacional de Doenças?. **Transversus**. 2013. Disponível em: <<http://www.transversus.com.br/cid10-texto.html>>. Acesso em: 11/03/18.
- BAZTÁN, Ángel Aguirre. **Etnografia**. In: _____, Etnografia: Métodos Cualitativos de la Pesquisa. Barcelona: Ed. Marcombo, 1996. p. 3-20.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2014.
- BERGER, John. **Modos de ver**. Tradução de Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BRANDINI, Valéria. Vestindo a rua: moda, comunicação & metrópole. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, RS, vol. IX, p. 23-33, jan/abr. 2007. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5838>>. Acesso em: 29/04/17.
- BURSZTYN, Marcel. Da pobreza à miséria, da miséria à exclusão. In: BURSZTYN, Marcel (Org.). **No meio da rua - nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p. 27-55.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- CARDOSO, Fernando Luiz. Inversões do papel de gênero: "drag queens", travestismo e transexualismo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 3, 2005. p. 421-430. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/188/18818317.pdf>>. Acesso em: 03/07/17.
- CARRIERI, Alexandre de Pádua; SOUZA, Eloisio Moulin de; AGUIAR, Ana Rosa Camillo. Trabalho, Violência e Sexualidade: Estudo de Lésbicas, Travestie Transexuais. **RAC-Revista de Administração Contemporânea**, v. 18, n. 1, 2014.
- CARVALHO, Evelyn Raquel. Eu quero viver de dia": uma análise da inserção das transgêneros no mercado de Trabalho. **SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO**, v. 7, 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/E/Evelyn_Carvalho_16.pdf>. Acesso em: 13/06/18.
- CASTEL, Robert. A dinâmica dos processos de marginalização: Da vulnerabilidade à "desfiliação". **Caderno CRH**, v. 10, n. 26, 2006. p. 19-40. Disponível em: <<https://www.portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/viewFile/18664/12038>>. Acesso em: 30/05/17.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Sexualidade e preconceito. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 3, n. 3, p. 18-37, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v3n3/1415-4714-rlpf-3-3-0018.pdf>>. Acesso em: 30/05/17.
- CHATEAUVERT, Melinda. **Sex workers unite: A history of the movement from Stonewall to SlutWalk**. Beacon Press, 2014.
- CIDREIRA, Renata Pitombo. **A moda enquanto manifestação simbólica**. Correio Brasiliense, 2001.
- _____, Renata Pitombo. **Os sentidos da moda: vestuário, comunicação e cultura**. São Paulo: Annablume, 2005.
- _____, Renata Pitombo. A moda como expressão cultural e pessoal. **Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte**. São Paulo, v. 3, n. 3, Dossiê Temático, p. 227-244, 2010.

- COSTA, Lucinéia de Assis. **Sexualidade na adolescência**. Curitiba: 2011. Disponível em: <http://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/35111/LUCINEIA%20DE%20ASSIS%20COSTA.pdf>. Acesso em: 22/06/17.
- COUTO, Edvaldo Souza. **Transexualidade: O corpo em mutação**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 1999.
- COUTO, Márcia Thereza *et al.* Concepções de gênero entre homens e mulheres de baixa renda e escolaridade acerca da violência contra a mulher, São Paulo, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 11, 2006.
- CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Editora Senac, 2006.
- DIAS, Maria Berenice. Liberdade sexual e direitos humanos. **II Congresso Brasileiro de Direito de Família**, Belo Horizonte, p. 85-89, 2002. Disponível em: <http://www.ibdfam.org.br/img/congressos/anais/192.pdf>. Acesso em: 30/05/17.
- FERREIRA, Isabel Bernardes; PEREIRA, Mayra Cardoso; AMARAL, Suelí Gião Pacheco do. **Prostituição: opção ou determinação social?**. 2015. Disponível em: http://www4.pucsp.br/iniciacaocientifica/20encontro/downloads/artigos/ISABEL_BERNARDES_FERREIRA_e_MAYRA_CARDOSO_PEREIRA.pdf. Acesso em: 02/07/17.
- FRANCO, Layana de Lima. **Travestis, transexuais e transformistas: a construção de feminilidades através da moda**. Fortaleza, 2011.
- GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2005.
- GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. 1998. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Miriam_Grossi/publication/267977995_IDENTIDADE_DE_GENERO_e_SEXUALIDADE/links/55fe19dc08aeba1d9f69e6aa/IDENTIDADE-DE-GENERO-e-SEXUALIDADE.pdf. Acesso em: 31/05/17.
- HOLLANDER, Anne. **O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1996.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2012.
- _____, Jaqueline Gomes de. Feminismo e identidade de gênero: elementos para a construção da teoria transfeminista. **Fazendo Gênero**, Florianópolis, v. 10, p. 1-10, 2013. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/32599632/1384978610_ARQUIVO_JaquelineGomesdeJesus.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1529009771&Signature=OwmZFUOPdIJBhhFOqD0dddiowQs%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DFeminismo_e_Identidade_de_Genero_Element.pdf. Acesso em: 18/05/18.
- JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto de arte**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- KROLOKKE, Charlotte; SORENSEN, Anne Scott. **Gender communication theories and analyses: From silence to performance**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2006.
- LANZ, Letícia. **O Corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**, 2014. Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/36800/R%20-%20D%20-%20LETICIA%20LANZ.pdf>. Acesso em: 24/05/17.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, v. 10, n. 1, p. 37-45, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe>. Acesso em: 08/06/17.

LOIOLA, Luís Palhano. Aproximações Teórico-Práticas Em Torno Da Diversidade Sexual. In: JOCA, Alexandre Martins *et al.* **Respeitar as diversidades e combater as desigualdades**. Fascículo 5 – Deus é menino e menina. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2009. p. 29-41. Disponível em: <<http://www.virtual.ufc.br/humanas/Data%5CSites%5C1%5CFasc.5.Deus%20é%20Menino%20e%20Menina.pdf>>. Acesso em: 01/06/17.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749>>. Acesso em: 12/06/17.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 2011.

MOREIRA, Rodrigo Alves Pires Rodrigues. **Prostituição de Rua**: Um problema de saúde pública? Contributos para o seu estudo, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10216/7208>>. Acesso em: 29/04/17.

MOTA, Maria Dolores de Brito. Gênero e sexo: enredos do corpo e da cultura. **I Congresso Estadual de Ciências Sociais da Bahia**, Salvador, 1995.

_____, Maria Dolores de Brito. Moda e Subjetividade: Corpo, roupa e aparência em tempos ligeiros. **Modapalavra e-periódico**, Santa Catarina, ano 1, n.2, p. 21-30, 2008. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/7600/5105>>. Acesso em: 29/04/17.

MOTA-RIBEIRO, Silvana. Corpos Visuais – imagens do feminino na publicidade. In: MACEDO, Ana Gabriela; GROSSEGESSE, Orlando. (org.) **Re-presentações do Corpo**. Coleção Hispérides – Literatura. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2003, p. 115-132. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5309/1/MotaRibeiroS_corposvisuais_03.pdf>. Acesso em: 24/04/18.

NADER, Beatriz Maria; CAMINOTI, Jacqueline Medeiros. Gênero e poder: a construção da masculinidade e o exercício do poder masculino na esfera doméstica. **ANAI DO XVI ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH**, Rio de Janeiro, Saberes e práticas científicas, v. 28, 2014.

NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman do. Homofobia e homofobia interiorizada: produções subjetivas de controle heteronormativo?. **Athenea Digital**, n. 17, p. 227-239, 2010. Disponível em: <<http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/662>>. Acesso em: 14/05/18.

NOGUEIRA, Francisco Jander de Sousa. **A saga da beleza: um estudo das transformações corporais na ‘experiência travesti’**. Dissertação (Mestrado em Sociologia)–Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/7335/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 22/04/18.

O'DWYER, Brena. Feminização como projeto de vida de jovens transexuais. **Enfoques**, v. 15, p. 34-49, 2016.

OLIVEIRA, Talita Souza de. **Moda**: um fator social. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100133/tde-13052013-161455/en.php>>. Acesso em: 12/11/17.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10**: Classificação Estatística Internacional de Doenças com disquete Vol. 1. Edusp, 1994.

PELÚCIO, Larissa Maués. Travestis, a (re) construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. **Revista Antropológicas**, v. 15, n. 1, 2011.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 21/06/17.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico-2ª Edição**. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

REBOLHO, Ana Claudia Figueiredo. **Estudo bibliográfico das atitudes e comportamentos ligados à prostituição da Pré-História aos dias atuais**. 2015. 264 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara) Orientador: Paulo Marçal Rennes Ribeiro. 2015. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/3649.pdf>. Acesso em: 13/06/18.

SALES, Celecina de Maria Veras; AMARAL, Célia Chaves Gurgel do; ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite. **Feminismo: Memória e História**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2000.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Teoria de Moda: sociedade, imagem e consumo**. São Paulo: Estação das Letras, 2007.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingo de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <<https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6>>. Acesso em: 08/06/17.

SAYÃO, Deborah Thomé. A construção de identidade e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física infantil. **Pensar a prática**, v. 5, p. 1-14, 2006.

SCHAUN, Angela; SCHWARTZ, Rosana. O corpo feminino na publicidade: aspectos históricos e atuais. **IV ComCult – Cultura da Imagem**, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-da-alcar-no-3-agosto-de-2012/O%20corpo%20feminino%20na%20publicidade.pdf>>. Acesso em 12 de junho de 2018.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Texto original: Gender: a useful category of historical analyses. 1989.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

SIMILI, Ivana Guilherme. Memórias Trajadas: roupas e sentimentos no diário íntimo de uma prostituta. **CLIO – Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, 10 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/viewFile/240/173>>. Acesso em: 28/04/17.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. Feminismo radical—pensamento e movimento. **Travessias**, v. 2, n. 3, 2008. Disponível em: <<http://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/3107/2445>>. Acesso em: 13/06/2018.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.

_____, Georg. Da psicologia da moda: um estudo sociológico. **Simmel e a Modernidade**, v. 2, p. 159-168, 1998.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2007.

STOLLER, Robert Jesse. **Sex and gender: The development of masculinity and femininity**. London: Karnac Books, 1994.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **O Vôo da Beleza: travestilidade e devir minoritário**. 2005. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/1251/1/2005_tese_AFC.Vale%20%282%29.pdf>. Acesso em: 12/06/17.

_____, Alexandre Fleming Câmara. O riso da paródia: transgressão, feminismo e subjetividade. In: _____, Alexandre Fleming Câmara; PAIVA, Antonio Crístian Saraiva (org). **Estilísticas da sexualidade**. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 2006.

_____, Alexandre Fleming Câmara. **No escurinho do cinema**: cenas de um público implícito. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

VERA, Daniela da Silva *et al.* A construção de conceitos de masculinidade e feminilidade por homens e mulheres. **IX Salão de Iniciação Científica - PUCRS**, Porto Alegre, 2008. Disponível em:

<<http://www.pucrs.br/research/salao/2008->

[IXSalaoIC/index_files/main_files/trabalhos_sic/humanas/psicologia/62560.pdf](http://www.pucrs.br/research/salao/2008-IXSalaoIC/index_files/main_files/trabalhos_sic/humanas/psicologia/62560.pdf)>. Acesso em: 30/06/17.

WATSON, Elwood; SHAW, Marc Edward. **Performing American masculinities: the 21st-century man in popular culture**. Indiana University Press, 2011.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: Jardim da Noite: o papel da moda na construção de identidade de prostitutas transgênero do Centro de Fortaleza

Eu, Wagner Rodrigues Correia Filho, aluno do curso Design-Moda da Universidade Federal do Ceará, venho solicitar a _____ inscrita sob documento _____ a autorização para o uso de seu nome e dados fornecidos em entrevista presencial assim como o uso de imagens disponíveis na internet e/ou produzidas durante o decorrer da entrevista para enriquecer a pesquisa monográfica “Jardim da Noite: o papel da moda na construção de identidade de prostitutas transgênero do Centro de Fortaleza”. A monografia tem como intuito compreender como prostitutas transgênero do Centro de Fortaleza se apropriam da moda para construir a sua identidade. Todos os dados e imagens serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos.

Fortaleza, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura da Concessora

APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**GUIA DE ENTREVISTA**

NOME: _____

1. Identificação do perfil da entrevistada:

- a) Idade.
- b) Escolaridade.
- c) Onde e com quem mora atualmente.
- d) Renda mensal.

GÊNERO

2. Com qual gênero você se identifica?

3. Como foi essa descoberta?

4. Como foi o seu processo de mudanças no corpo? Quando começou? Realizou alguma cirurgia?

5. Você sente que outras pessoas te reconhecem como mulher?

PROSTITUIÇÃO

6. Há quanto tempo trabalha com a prostituição?

7. Por que a prostituição? Foi uma escolha ou uma condição?

8. Sempre trabalhou na rua? Descreva como é trabalhar na rua.

9. Há quanto tempo trabalha na Rua Clarindo de Queiroz?

MODA / VESTUÁRIO / IDENTIDADE

10. Como é a sua relação com a roupa? Gosta e acompanha moda?

11. Como você escolhe uma roupa para ir trabalhar na noite? Suas roupas do dia-a-dia são diferentes das suas roupas de trabalho?
12. Que partes do seu corpo você mais gosta de mostrar? E quais você prefere esconder?
13. Na sua opinião, o que te torna mais feminina?
14. Para você, o que são roupas “de mulher”?